

O INMIGO

Nº 16

Cr\$ 80,00

Março/Abril/82

DO REI

JOÃO! CADÊ A NOSSA GRANA?

Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco.
ENFIM UM JORNAL AUTOGESTIONÁRIO

**O
URUGUAI
DA
TORTURA**

pg. 8

RS: PADRES INCENDEIAM CAPELA
pg 5

FIGUEIREDO VESTE O HÁBITO
pg central

XIII! AS ELEIÇÕES VEM AÍ
pg central

CARTAS

Rio, 15/03/82

À editora A
Tomei conhecimento desta editora. Como "recém-convertido" à visão acrata, gostaria de saber da relação de livros e/ou periódicos desta editora.

Gostaria ainda de dizer o seguinte:
1) após ter sido "autoritário" durante 8 anos e só agora estar me ingressando "de corpo e alma" nas concepções libertárias, tenho já escritos publicados, de quando marxista. Um é prêmio que teve sua publicação restrita à PUC/RJ — "Humanismo e Tecnologia: Combinação Possível?" (horível) e outro prêmio, este a ser publicado brevemente pelo Serviço Nacional de Teatro acerca do tema "Centros Populares de Cultura (da antiga UNE): Momento ou modelo?" (menos ruim);

2) pertenci ao PT e cheguei mesmo a ser indicado ao cargo de vereador (sic!);

3) agora, como libertário, desejo escrever um pequeno folheto intitulado "Porque sai do PT", inclusive para servir de "combate" ideológico aos militantes do PT que diria eu, "estão lá por engano," ao desejarem o fim das classes mas "enganados" pelos marxistas.

Não sei ao certo quantas páginas terá, (tem tempo), mas tenho certeza de que caso venha a ser editado, só poderá sê-lo por esta editora...

Gilberto de Oliveira Kühner

BEM VINDO ao antro, vê se perde essa tua fé messiânica, manda teu material que vamos dar uma olhada. Funcionamos por regime de mutirão, se alguém por aqui estiver interessado, tudo bem, vamos levantar grana. Quanto tu consegue por aí?

Prezados Companheiros,
Foi com alegria que soube da salutar existência do inimigo do Rei.

Sendo militante socialista (PT), mas, também, atento e participante dos lances do complexo revolucionário que desponta, batizado de "Nova Era", sinto grande simpatia pela causa Anarquista. Crente de que a grande revolução humana só se dará com doses maciças de liberdade e oxigenação nos mais diversos campos da sociedade e da cultura (ciência, arte, filosofia e etc. mil), aliadas ao supremo avanço tecnológico: super-mecanização (robotização e computadorização), vejo um tanto gastas determinadas pregações políticas, sejam do zumbi capitalista ou da "redentora" esquerda. Assim peço aos companheiros que me informem sobre a possibilidade de obter o "inimigo do Rei", colaborar e conseguir uma bibliografia anarquista (excetuando-se "Os Grandes Escritos Anarquistas" que me contempla num canto da mesa, ainda virgem).

fraternais saudações libertárias. Sinério Inácio da Silva Jr. Araraquara, 13/01/82 Sinério!

Saudações libertárias
Bibliografia é um troço terrível. Pois tem muita coisa boa que a gente nem conhece. Outro problema, na tua carta não fica claro, qual a tua preocupação em termos de leitura. Não acho que fica bem ficar dando receitas, mas se quiseres algumas aqui vai:

PIERRE ANSART — MARX E O ANARQUISMO, Ideologias, Conflitos e Poder (ZAHAR), El nacimiento del anarquismo (Amorrotu), Sociología de Proudhon (Proyeccion).

SAM DOLGOFF — La anarquía según Bakunin (Tusquet Editor)/Barcelona — Espanha.

VOLIN — La revolucion Desconocida (Americalee). Existe um primeiro volume em português da Global.

BAKUNIN, El sistema del anarquismo, Dios y el Estado, Tácticas Revolucionarias, Estatismo e Anarquía (Proyeccion)/Argentina.

PROUDHON, Confesiones de un Revolucionario, La Idea de la Revolucion, Propriedade y Federacion, El Estado, Pobre y Ricos, O que é a propriedade?, Sistema das Contradições económicas ou Filosofia da Miséria...

DIEGO ABAD SANTILLAN — Organismo Económico da Revolução (Brasiliense).

SAMPA/MARCO 82

Faço parte de um grupo de pessoas que atuam aqui em S. P. com o nome de "De Corpo Inteiro". Somos um pessoal que se preocupou com um posicionamento formal em relação às estruturas de poder dentro da escola — PUC/SP — e que buscou uma forma de ação direta/efetiva. Fomos chamados de oposição da oposição, grupo de homossexuais, desestruturalizadores das Instituições e da Sociedade... (tudo num sentido negativo), mas aí vem na minha cabeça uma frase (tupamaros): "A PALAVRA NOS DIVIDE, A AÇÃO NOS UNE!". E, realmente, foi a ação que nos levou a agir, e lutar contra as autoridades dentro de nossa escola. Até assumimos os adjetivos acima citados, porém a prática necessitava de uma reflexão, de uma forma de entender a quais, e contra quais interesses nós servíamos... Agora falo por mim; a trajetória de nossa ação foi fulminante, de certo. Pela primeira vez em nossa escola, fora reconhecida uma ação anarquista. Suscitamos desde nota oficial da reitoria até editorial da Folha de São Paulo. Nas eleições para o DCE, carreamos votos que com certeza elegeriam grupos militantes a muito existentes no cenário político da escola.

Não considero a existência dessas pessoas (grupo) um ato político premeditado, tampouco anarquista (em sua concepção), mas levamos ao debate a ques-

ção da autogestão, política do prazer, a burocratização das entidades representativas, a problemática existencial e cultural, e no final, aceitamos as nossas deficiências (no sentido de ser mais um grupo político): nos entregamos num ato simbólico, no pátio da escola com caixão, pingo da UNE, frango, frutas e cuspidores de fogo.

Acredito que, neste ano, ano, a ação continuará, estamos vivos e presentes. Somos irreverentes, pacíficos, contraditórios, imaginativos, carentes (prazer), e muito pouco militantes. Depois de 68, só mesmo 69 e, realmente, as cabeças políticas desse país precedem de seu corpo inteiro. Por meu intermédio, espero estar em contato permanente com vocês... Beijis!

Amigos, parabéns pelo embelezamento gráfico e editorial da última edição do vosso jornal.

estamos aqui, contem com a gente.

simpatizamos com vocês.

em pintando no Rio, apareçam, com fé num futuro libertário e com as mãos na massa (na labuta, entendam) para que isso aconteça, nos despedimos com muitos beijos.

carinhosamente,

pelo pessoal do LUTA & PRAZER

Rio, 27/01/82

Pessoal!...

no meio dessa batalha foi um prazer gratificante receber a cartinha de vocês.

beijos de língua

PS. Na falta de uma arte final publicamos o cabeçalho da carta como anúncio.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

Recebemos de diversas partes do país e do exterior muitas cartas, poesias, panfletos, jornais, revistas, etc... Agradecemos com muito gosto a massiva colaboração dos companheiros, mas infelizmente não foi possível publicar tudo. Procuramos condensar o máximo possível.

Boletim "A luta continua" — Movimento de Apoio aos Sem Terra: Rua dos Andradas, nº 1234/22º andar conj. 2209 — 90.000 — P.A./RS.

Jornal Literário Solux — C.P. — 14.745 — 01000/SP

Pensamento Ecológico (Boletim Informativo) — Movimento Arte e Pensamento Ecológico: C.P. 6984/SP

"Paulicéia (Ainda) Desvairada" (livro) — Nelson Tagerini — C.P. 1943/RJ — Capital

Jornal CNT — Rua Magdalena, nº 6 — 2º Madri/Espanha (Organo de la Confederación del Trabajo)

Jornal Le Combat Syndicaliste — Rua Chevreul, nº 94600 —

Revista Adarga — Apartado de Correos nº 47.109 — Madrid/Espanha

Revista Ideas — Caja de Ahorros y Monte de Piedad, c/. Gui-

púzcoa, 67. Barcelona/Espanha

Revista Bicicleta — Travessa de Garcia, 100. Barcelona — 12./Espanha

Jornal Tierra y Libertad — Apartado Postal nº 10.596/México

Boletim "Situationist International Anthology" — Bureau of Public Secrets, P.O.Box 1044, Berkeley, California 94701/U.S.A.

Jornal Novos Rumos Órgão de Divulgação do Sindicato dos Professores de S. Paulo — Rua Borges Lagoa, nº 190/SP

Jornal da Apufsc — Órgão de Comunicação da Associação dos Professores de Florianópolis

Jornal Lira Paulistana — Praça Benedito Calixto, nº 42 — Jardim América/SP

Nota dos alunos do Curso de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS/RS, sobre a greve dos estudantes frente aos altos preços do RU. Força pessoal. Força.

Soçaité marginal

(*) PAINEL DA LITERATURA MARGINAL/SP

O Roberto Luiz dos Santos comunicando do painel que vai acontecer e o livro dele que está na roda. Palavra y Estigma.

(*) DANÇAS E VÓOS — Exposição Individual do nosso artista plástico Leopoldo Pontes em Santos/SP, que aconteceu na Galeria de Arte da Prodesan

(*) VAVÁ E VARANDA em "Princesa dos Canaviais". Aconteceu no Teatro Municipal de Niterói, Rio de Janeiro.

(*) Centro Etilico Cultural e Artístico Afinal, bar inaugurado pela turminha boa do jornal Afinal de Santa Catarina, que continua firme. Felizmente o bar garantiu reiniciar novamente as impressões do jornal. Bola p'ra frente.

POESIAS

Valdires Bruno
Coragem
Ser como Alice
e atravessar o espelho.

Acabar com tudo
Acabar com a Família,
acabar com a Escola;
acabar com o patrão,
acabar com o governoreinado papado.
Acabar com tudo aquilo que é bicho papão
e alcançar um real progresso
que não dê fome pra ninguém,
que traga de novo a caça
e os frutos.
Amém.

Rômulo Fonseca
Conjuntura
Meu bem,
na atual conjuntura,
só teu corpo
me faz seguir de "cabeça" erguida.

N. E. Recebemos outras poesias muito boas,
mas segurem as pontas pessoal que
não deu pra publicar.

Eurico/SP — Pessoas/Vida
Beyle/BA — Ordem e Progresso
Peões da FIAT/É MELHOR SER UM
GREVISTA DENTRO DA FÁBRICA DO
QUE UM MARGINAL NA RUA

EXPEDIENTE

O INIMIGO DO REI é uma publicação da Editora e Livraria "A" CGC/MF 141727871/0001-63 — Rua 21 de Abril nº 8, sala 21. Relógio São Pedro, Salvador, Bahia, Brasil.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Antonio Carlos Pacheco

REDAÇÃO: Este número foi feito em sistema de rodízio, dentro da proposta de autogestão do jornal. A responsabilidade cabe aos autores dos artigos. Foi organizado pelo Coletivo Inimigo do Rei do Rio Grande do Sul.

Trabalham neste número:

Kiko, Carlos Moura, Schoeder, Ingo, Puig, Betinho, Julio (Catarina), Leal, Fernandinho, Violeta, Lisete, Jacira, Carlitos, Jussemar, Suzana, Luigi;

CONTATOS COM O JORNAL

Porto Alegre/RS — Cep. 90.000 C.P. 10563

Salvador/BA — Cep. 40.000 C.P. 2540

São Paulo/SP — Cep. 05421 C.P. 11277

Rio de Janeiro/RJ — Cep. 20.000 C.P. 15001

* Este jornal foi impresso na Zero Hora Editora Jornalística S. A.

LEIA E ASSINE *rãdice* **LUTA & PRAZER**

livraria espaço aberto de 2ª a sábado
282-9896 9-20h

nunca os livros estiveram tão caros - o sebo é uma opção

self-service não vale roubar

pechinhas e manuais

leia na livraria

livros usados por menos da 1/2 do preço de catálogo

ofertas curiosidades anos 60 programas de teatro leitões de livros raros criações independentes discos velhos escutas e humanas etc e xai

ganhe um drink (pingo-puro) não

RUA ARTUR AZEVEDO 1529 (perto da Fradique) Pinheiros - SÃO PAULO - CEP 05404

NÃO TEM FILIAL NEM REEMBOLSO POSTAL

Comentários sobre livros

Americanos tentam Entender as Lutas Sociais no Brasil — John Foster Dulles, que teve o privilégio de consultar o arquivo Edgard Leuzroth, bem antes de sua Venda à Unicamp na tentativa de relatar a atuação dos anarquistas e comunistas nas lutas operárias brasileiras, por não estar familiarizado com o tema e por não ser historiador, não pôde e não soube extrair e interpretar toda a riqueza informativa que teve à sua exclusiva disposição.

Agora em segunda edição, a obra permanece basicamente a mesma, em que pesem dezenas de trabalhos surgidos, que poderiam servir de escoras a amparar um estudo que já se apresenta superado.

Uma segunda edição revista e atualizada era o que todos esperavam, sem saber que Dulles não tinha fôlego para tanto.

Cônsolo: o aspecto gráfico do livro continua insuperável. Anarquistas e Comunistas no Brasil, John Dulles — Editora Nova Fronteira, 1980 - Rio de Janeiro Cr\$ 800.

Rauer Ribeiro Rodrigues, um dos responsáveis pela revista cultural underground "Viva Eu" está lançando seu livro de contos "Lugares Intoleráveis" a venda por Cr\$ 400. O livro tem 96 páginas recheadas de sensualidade e aventuras, além das gravuras. Pedidos por cheque nominal ou vale postais (pagável na Ag. Cunha Gago, Pinheiros), para o próprio autor, Crusp — "A" - apt. 504 - CEP 05508 - São Paulo/SP.

Roberto Luiz dos Santos, outro dos responsáveis pelo "Viva Eu", também está com suas poesias na rua "Palavra y Estigma", meclamos nosso sangue nessa década: sonhos políticos, somas dolorosas, solidão armada.

Waldires Bruno, está "Como o Diabo Gosta", livro em que sintetiza com sensualidade e força a história de uma geração vivida intensamente por ela mesma. Toda Força...

Renato Carvalho de Almeida, filho, colaborador desse (a) periódico libertário está agora espalhando seus sonhos em forma de versos. Acaba de lançar seu livro de poesias "Sonho Lúdico", com tiragem limitada. Quem estiver a fim, enviar um cheque no nome do autor para a caixa postal 11.277—CEP 05421, São Paulo — SP. O livro com 2 contos e 40 poesias, nem todas dele, gravuras feitas pelo Espuny, por apenas Cr\$ 300.

O tropicalismo não morreu

Ingo/RS — estudante e professor de cursinho

Falar em TROPICALISMO é falar na própria essência do ser brasileiro e tropical. Oficialmente estourou em 1967-68, mas as suas bases filosóficas-práticas são bem anteriores a esta data.

Pode-se dizer que o sonho TROPICALISTA iniciou na Semana da Arte Moderna de São Paulo em 1922, e tomou corpo em livros como "Macunaíma" de Mário de Andrade e peças-teatrais como o "Rei da Vela" de Oswald de Andrade.

Após o Estado Novo, na década de 50 começava a surgir o concretismo, que viria a desempenhar importante papel na revolução cultural de 67, pois deu a ela uma de suas formas de expressão mais originais e peculiares.

O "Cinema Novo" também teve uma importância transcendental no TROPICALISMO, principalmente através de seu maior gênio, Glauber Rocha. "Terra em Transe", de Glauber, deu toda a mise en scène ao movimento.

Chegamos então, até que enfim, a Caetano Veloso, Torquato Neto e Rogério Duprat, respectivamente: cantor, poeta e arranjador de tudo o que foi, e talvez do que é o TROPICALISMO.

Opiniões Tropicalistas

Agora o que é essa tal TROPICALIA, tão badalada em prosa e verso e tão reprimida a cacete e tiro?

Segundo a visão aérea de Tomzé, as finíssimas colinas do Morumbi em São Paulo, estão bem ao lado dos tristes barcos da favela Ordem e Progresso — embora quem contemple os dois logradouros, de dentro de um carro, imagine que elas estão a quilômetros uma da outra.

Glauber Rocha imagina que "somente a dedicação ao bem do próximo, a dedicação diária ao amor e à construção, é que é o fundamento da felicidade e da liberdade na eternidade. Isso seria, digamos, a mensagem filosófica do tropicalismo".

"A alegria do TROPICALISMO era um pouco apocalíptica, um pouco assim, auto-destrutiva. Havia algo de masoquismo e tinha que haver". Caetano Veloso crê, além disso, que a "gente é pra brilhar, não para morrer de fome", afirmando ser este o seu sonho político.

Gilberto Gil, quando perguntado sobre a sua posição dentro do movimento, afirma: "não tenho compromisso com nada, a não ser com a morte e com a vi-



da. Fico ao sabor das ondas, vou para a onde a Lua determina".

Finalmente, o controvérsico e extrovertido, Zé Celso Martinez Correa coloca que "o sonho brasileiro é lindo. Como o sonho não bate com a realidade, as coisas vão mal. O sonho é libertário, pode ajudar a resolver a parada — e isso o Tropicalismo mostrou".

Este ponto, acima referido, é de fundamental importância em uma análise sobre o TROPICALISMO, pois, como vimos, há uma grande gama de opiniões, fatos e análises. Mas o real é que a TROPICALIA como movimento conseguiu ser plural e único ao mesmo tempo, sem que isso afetasse o transcender da história como um todo.

PAÍS DO ABSURDO

Ser brasileiro, tropical, é ser dicotômico, é ser pobre e rico, excêntrico e louco, puritano e tarado, colorido e maneiro.

"Debaixo de um céu de anil/Encontrarei um gigante/Santa Cruz hoje Brasil." Casemiro de Abreu.

"E no joelho uma criança sorridente, feia e morta estende a mão". Caetano Veloso.

E o tropicalismo é isso, o cancro aberto em chaga, mas vestido de cores mís, alegre e moderno.

Roberto Schwartz, ilustra bem isto em seu artigo "Notes sur la Culture et la Politique au Brésil", publicado na revista Les Temps Modernes: o nível internacional da técnica é o parâmetro aceito da infelicidade nacional; nós, que somos

atualizados, articulados ao circuito do capital, reconhecemos, após o fracasso da tentativa de modernização nacional, que o absurdo é a alma do país e a nossa própria.

Traduzindo, o sistema é tão vazio e podre, que se sustenta em sua própria incoerência, e isto é um absurdo. E este absurdo é vivido ao extremo, e de diversas maneiras, pelo TROPICALISMO. Que é a própria estética da fome em movimento, a própria antropofagia usando as guitarras elétricas para comer o bombardeio do rock e vomitar em novas formas, nítidas e revolucionárias, o sentido do povo brasileiro internacionalmente oculto.

TROPICALISMO foi um momento em que o Brasil, reprimido, explodiu suas mais violentas inquietações, suas ingenuidades, a mistura de todos os erros, como falava Oswald de Andrade. Aliás, Oswald, um dia, fez a profecia de que "a massa ainda comerá do biscoito fino que fabrico".

ANTROPOFÁGICO SONHO ETERNO

Mas quando a massa estava querendo começar a compreender que também podia fazer parte do banquete, baixou a repressão, prendendo, expulsando do Brasil quase todos os Tropicalistas. Caetano e Gil viajaram a Londres. Glauber partiu para o México, Europa e África. Zé Celso, depois de preso e torturado, foi com o pessoal que sobrou do Oficina para Portugal. E no Brasil sobrou um

grande vácuo, que não seria imediatamente suprimido, pela volta ao país dos pais do movimento.

Muitos marinheiros, de primeira hora do movimento, sumiram do mapa. O poeta Torquato Neto suicidou-se, não conseguiu viver no país do AI-5. O músico Arnaldo (ex-Mutantes) já tentou por diversas vezes o suicídio. Tomzé, literalmente, sumiu do mapa. Glauber Rocha morreu.

Os outros marinheiros, que continuaram produzindo em grande escala, se desvincularam do TROPICALISMO como discurso, mas nunca esteticamente.

Mas, se os supostos líderes o enterraram, por volta de 72-73 o movimento, na realidade, continuou vivo, contra tudo e contra todos. Ele, como todo bom ser autofágico, se alimenta da fome e do banquete nacional. Servindo hoje um ótimo prato tropical, cheio de contradições e de veneno.

Mas o principal motivo pelo qual o TROPICALISMO sobrevive é o fato de ser libertário, não necessitando de lideranças, nem de ordens. Portanto, não existe um dono que possa fechar o movimento.

Assim hoje, como antes, se vê Jorge Mautner extremamente tropical. Um terrorista como Fernando Gabeira, curtindo o sol com tanga de crochê e falando de pacifismo e comida natural. E, principalmente se vê a cada dia que passa, mais e mais jovens ficando coloridos, alegres e eszuziantes.



E como sempre foi e será, o TROPICALISMO hoje é um cataclisma cultural, que se caracteriza pelo rompimento com o sistema, para iniciar um novo sistema mais justo e libertário.

Quem quiser saber mais sobre TROPICALISMO, poderá se aprofundar lendo livros de Glauber Rocha, Jorge Mautner, Caetano Veloso e Fernando Gabeira, pois a melhor água é sempre da fonte mais pura.

Ou então seguir aquilo que o Tropicalismo sempre pregou: amor, liberdade e cor. Subverter o modo de vida, de maneira dinâmica e dialética, destruindo deuses e assumindo-se na integralidade do que existe de mais natural.

Para aqueles que não querem mais obedecer e muito menos mandar, estando de saco cheio com o sistema capitalista apostólico romano, encontrará no TROPICALISMO uma boa fonte de energia e de luta. E por incrível que possa parecer, ele é nacional.

"Seja você também um Macunaíma, um herói sem alma. Quando houverem no Brasil 120 milhões de Macunaímas teremos, por fim, uma sociedade com igualdade política, econômica e social, uma sociedade, até que enfim, anárquica."

"Eu quero tocar fogo neste apartamento, você não acredita". Caetano Veloso.

Acredite e viva o TROPICALISMO. nham, nham, nham, nham, nham...

Lampião da esquina: experiência falida ou fórmula exaurida?

João Silvério
Trevisan/SP
colaborador

Quando Lampião surgiu, em abril de 1978, a idéia era fazer um jornal à margem da imprensa alternativa, aquele momento voltada exclusivamente para anistia e temas populistas, considerados causas "maiores". Eu e os demais editores do Lampião nos opúnhamos à idéia simplista (e fértil nas esquerdas) de que uma revolução político-econômica seria como uma varinha-de-condão capaz de transformar automaticamente tudo, inclusive as cabeças das pessoas. A essa "luta maior" da esquerda ortodoxa, nós contrapúnhamos a idéia de muitas "lutas menores" - a da sexualidade, da ecologia, da anistia ampla e irrestrita incluindo os presos não-políticos, do racismo, dos proletários, dos velhos, etc. - sem priorizar certos espaços em detrimento de outros.

Antes de Gabeira, já dizíamos que todas as instâncias de transformação têm que ser levantadas num amplo movimento conjunto. Em junho de 1981, depois de 37 edições mensais e três números extras, Lampião acabou, graças a um acordo entre seus editores. Suas vendas tinham diminuído sensivelmente, a partir do segundo semestre de 1980, época dos atentados a bomba contra bancas. Mas, ao contrário da imprensa alternativa em geral, nunca culpamos exclusivamente o terrorismo pela decadência do Lampião (que entra numa das listas negras da direita). Mais do que prejudicar financeiramente os jornais alternativos, as bombas deixaram visível o brutal esvaziamento de idéias que a esquerda brasileira vivia, na fase pós-abertura. Passado o longo e doloroso período de carência, o país sofreu uma vertiginosa evolução que nós opositores do regime não conseguimos acompanhar. Com uma agravante: perdemos nossa decantada identidade. Aquilo que reivindicávamos, como sendo nossa marca, foi absorvido pela grande imprensa liberal, como a Folha de São Paulo, que entrou numa fase crescentemente progressista. Acho que esse foi um golpe pior do que as bombas.

Assim, também, com o Lampião: aquilo que propúnhamos como nossa fórmula libertária acabou aparecendo a cores em revistas convencionais do tipo Status e Playboy. Em compensação, Lampião não conseguiu mudar sua face, com a mudança dos anos. Em 1981, candidamente usávamos o mesmo tom e os mesmos temas que tinham se revelado fecundos em 1978, quando sofremos inquérito policial, acusados de infringir a Lei de Imprensa. Acho que, por motivos

vários, Lampião foi se acomodando ao título que lhe conferiram de "porta-voz dos homossexuais". Suas intenções iniciais de ser um ponto de vista de homossexuais, não apenas sobre si próprios, mas sobre temas candentes afundou-se no comodismo ou, quem sabe, na perplexidade. Em 1981, Lampião já se transformara num mero boletim para veados, num órgão de gueto. E no gueto estava seu túmulo enquanto projeto alternativo, pois o gueto curte amenidades, passatempo e diversões nada que possa provocar mais do que gargalhadas escapistas. Mesmo enquanto boletim das bichas, tornamos um jornal defasado e irreel perante seu próprio público. A prova cabal foi, para mim, o número 31, onde Lampião apresentava um amplo e documentadíssimo dossiê sobre os homossexuais na Cuba revolucionária. Tratava-se do número mais denso de toda a história do Lampião. E, infelizmente, foi também o menos vendido de toda sua história, o que nos levou a pensar, pela primeira vez, em encerrar as atividades, bastante perplexos pela revelação. O número seguinte, no entanto, que estampava na capa cenas do carnaval carioca, com homens se beijando, estourou: foi o segundo mais vendido na história do Lampião. A partir daí, o desmoronamento tomou conta da equipe de redação que, preocupada com as dívidas, começou a insistir no caráter sensacionalista das manchetes e das matérias. O jornal, em sua última fase, estava parecendo um "Notícias Populares" ou "O Dia", pra veado.

Paralelamente a esse aspecto mais relacionado com o impasse do nosso projeto, havia sim, os problemas financeiros. A estrutura econômica do Lampião sempre foi fragilíssima. Sobrevivíamos de vendas de livros por reembolso, vendas em bancas, assinaturas e pouquíssimos anúncios. Houve tentativas de editar livros. Mas após o terceiro título, a experiência fracassou: as edições foram vendidas por atacado, apenas para se conseguir saldar as dívidas. O último aspecto que, a meu ver, condenou Lampião ao desaparecimento parece-me o mais delicado: sua estrutura interna sempre se ressentiu do mesmo autoritarismo que qualquer jornal da grande imprensa, já que nunca tivemos um projeto alternativo de diluição do poder. Em virtude dos problemas financeiros e das conseqüentes improvisações de que o jornal sempre se ressentiu, Lampião acabou se concentrando nas mãos de uma ou duas pessoas que faziam dele o

que bem entendiam. Por exemplo: distante da redação carioca, eu nunca sabia o quê e como o Lampião ia sair, nem jamais fui consultado sobre os livros que a Esquina publicou apesar de, em ambos os casos, meu nome continuar no Conselho Editorial e eu continuar batalhando com afinco na realização do jornal. O mais grave é que isso atingiu muitas outras pessoas. Só, tardiamente, a equipe carioca aceitou criar outra equipe em São Paulo, ambas com autonomia dentro do jornal - mesmo porque, Lampião nasceu para ser um órgão nacional. Pois bem: como dizia meu amigo Glauco Matoso, Lampião se transformou num O Pasquim para bichas, já que o ponto-de-vista carioca acabou tomando todo o jornal. Os problemas de comunicação entre as duas equipes chegaram a um nível inaceitável. Cansado de brigar sistematicamente por causa disso, desisti de dar murro em ponta de faca. Já as reuniões de pauta, que se alternavam entre Rio e São Paulo, passaram a se realizar exclusivamente no Rio, facilitando o controle pela equipe carioca. Havia reclamações da equipe de São Paulo, cujas matérias freqüentemente deixavam de ser publicadas ou saíam mutiladas - sempre sob alegação de "falta de espaço". Também de outros estados, os leitores passaram a reclamar desse exclusivismo. O copo entornou quando uma matéria minha, sobre comida vegetariana, não foi publicada também por "falta de espaço". Só que, no mesmo número do jornal, saíram quatro páginas inteirinhas sobre a praça Tiradentes, do Rio. E eu não pude engolir o osso. Retirei-me do Lampião, sem alarde. A equipe de São Paulo, desanimada, decidiu se autodissolver. Isso foi em maio de 1981. Dois meses depois, um dos editores cariocas do Lampião confessou, em entrevista à Isto É, que não publicaria minha matéria porque "bicha gosta mesmo é de carne". Fiquei aliviado com o fim do Lampião. Não gostaria que se arrastasse como um cadáver apodrecido. Acho que ele cumpriu sua função. Mesmo tortuosamente (ou graças a isso), Lampião abriu caminho para uma imprensa disposta a cagar fora do pinico. Ou, se preferirem, uma imprensa alternativa sem receio de ser autônoma. Pois a verdade é que, o progressismo deste país anda sem autonomia para grandes vãos. Como tem bunda de chumbo, prefere seguir os manuais. Com isso, acaba sofrendo de prisão-de-ventre ideológica. Basta a gente olhar em volta, pra comprovar.

Hora do Povo apóia golpe na Polônia

A esquerda stalinista, representada em território tupiniquim pelos integrantes do Hora do Povo, que nós conhecemos também como MR-8, está dando vivas ao golpe militar da Polônia.

O HP, inclusive, se refere ao líder do Solidariedade, Lech Walesa, como vagabundo, e à Revista Veja e ao Jornal do Brasil como veículos comprados pelo capitalismo (grande descoberta) e por isto se colocam contra o proletariado.

Mas o cúmulo chega ao ponto máximo: não param de dizer que o Solidariedade era financiado pela Cia e pelo capitalismo americano,

NELSON TANGERINI/RJ poeta e bancário

e que o General Jaruzelsk é que é o tal. O HP é a total incoerência. Como acreditar num jornal que empurra os operários à greve, em Xerêm e no ABC paulista, e no entanto é contra a greve de Gdansk. Como acreditar num jornal que se diz contra a DITADURA MILITAR BRASILEIRA e no entanto está dando vivas a DITADURA DO GERAL JARUZELSK.

Depois que o sonho acabou, as pessoas se tornaram mais conscientes. O SOLIDARNÓSC luta pela autogestão, pela autonomia, pe-

los sindicatos livres (postô que os outros sindicatos da Polônia são cordeirinhos dos soviéticos.)

Parece muito mais fácil chamar o SOLIDARNÓSC de vendido ao capitalismo americano, do que entender o que é, verdadeiramente, autonomismo, autogestão.

É hora do HP consultar a cartilha socialista, como vem fazendo a esquerda ortodoxa, e mudar de tática.

"A emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores" apesar dos intelectuais e dos marechais.

P. ALEGRE: manifestação dos estudantes contra o golpe na Polônia



Raul Pont "futuro" senador (?) pelo PT/RS, aproveitando da nossa faixa para fazer média com os trabalhadores poloneses. Nota dez, pois ela ficou ótima.

Governo manipula "mutirões"

Jussemar/RS estudante e teatrólogo

Hoje os burocratas não têm mais solução para tudo, como há 7 ou 8 anos atrás, quando apenas eles regiam o coro dos famintos. A carta marcada, que foi o "milagre", acabou sendo descoberta e os jogadores da economia começaram um novo jogo usando uma nova carta: "o povo", transformando suas formas de organização próprias em planos políticos. O que antes era espontâneo, expressão verdadeira do espírito comunitário (como o mutirão, usado em todo o Brasil), virou plano governamental, baseado em secretarias com funcionários e com verba própria. Esse filão, não se resume apenas ao Mutirão para fazer moradias, temos também a horta coletiva na favela, inaugurada pelo secretário da agricultura. Patrões bonzinhos criam cooperativas de consumo para seus empregados (gêneros alimentícios a preço de custo, descontados em folha de pagamento), pois os salários pagos são insuficientes para a alimentação.

O Exército entra no carnaval do Mutirão, convidando o povo do vale do rio Paraíba (SP) para reformas de escolas e centros comunitários da região. A Folha de São Paulo, no seu espaço chamado "A folha e as respostas da sociedade à crise" de outubro de 1981, cita o mutirão feito pelos favelados da Vila São Paulo em Baurur, trabalhando todas as noites das 19:00 às 22:00 hs, inclusive fins de semana, construíram casas de 41,26 m2. Segundo o presidente da COHAB de Baurur, José Francisco: "Descruzando os braços se pode fazer alguma coisa".

Trabalhando oito horas (mais extras) para o lucro do patrão, tem ainda que trabalhar para construir sua própria casa. E ainda, terá que pagar por ela. Isto de alternativa não tem nada. O Estado explora duas vezes o trabalhador: uma quando o obriga a trabalhar por um salário de fome e outra por repassar uma obrigação estatal que é a moradia popular. A quem isto serve? Serve aos donos do capital e ao Estado, que usando da mística participação popular, explora a iniciativa e a necessidade que a grande maioria tem de moradia e alimentação. Cria projetos que olhados à luz do que seja o problema habitacional do país, vê-se logo que é engodo. É preciso lembrar que qualquer reforma ou benefício que se introduza na vida das camadas mais pobres da população acaba sempre servindo ao capital.

Assim o estado usa desse artifício para descongestionar o trânsito social de um engarrafamento com consequências catastróficas. Estimulando a horta comunitária, na favela de quinhentas pessoas, enquanto de 1964 para cá houve um crescimento de latifúndios. Quinhentos mil migrantes chegam a São Paulo vindos de todo o Brasil rural, onde a grande maioria é analfabeta jovem, o que significa mão-de-obra barata para construção civil e carne humana para inchar a exploração que rodeia São Paulo.

"Se a gente for esperar que o governo faça tudo, estamos perdidos", diz um mestre de obras de Minas Gerais. É claro que o governo jamais fará alguma coisa a favor dos miseráveis. Ele não governa para... e sim contra. Não podemos esquecer que pagamos impostos

prediais que retira 8% do nosso míngua-do salário (FGTS) para o BNH resolver os problemas da habitação. E como se pagássemos para alguém construir nossa casa e no fim das contas quem faz o serviço somos nós mesmos. Aonde vai esse dinheiro? É fácil adivinhar. Não precisa ser vidente. Para as construções faraônicas do Estado (vide a matriz da Caixa Econômica Federal do RGS).

Quem gera a crise? Somos nós oprimidos brasileiros ou mundiais? Não cabe a nós encontrar respostas para a crise dos senhores; cabe sim, romper a crise com uma proposta estrutural ideológica. Não interessa ao oprimido reformar o mundo dos ricos, cabe destruí-lo. Não vamos socializar a miséria com hortas coletivas ou mutirões dirigidos por órgãos governamentais, enquanto eles, os burgueses, usufruem o lucro tirado em cima de nossas cabeças.

Se vamos construir nossas casas, isto tem que estar inserido em uma proposta de antagonismo ao sistema de classes vigente. Ou seja, em função disso, não

deveríamos pagar imposto predial e sim sermos dispensados para construir nossas casas remuneradamente. O caminho está na organização independen-

te do oprimido, sem vínculo estatal. Todo governo é culpado, ninguém governa na inocência.



Tens que morrer, negro vagabundo

Betinho/RS. Professor e militante do movimento negro

Conseguimos uma entrevista com dois negros marginais, que foram presos, torturados, e sequestrados e que ninguém se lembrou de defender, talvez, porque não eram "presos políticos" e sim presos comuns, como outros tantos, negros miseráveis que vivem por aí nesta "democracia racial", que vivem a margem, que roubam, matam para continuar sobrevivendo nesta suja sociedade consumista que os jogou nesta e que ninguém ousa sequer defender, pois defender negro não dá IBOPE, muito menos o marginal característico que foge da ideologia da esquerda autoritária e todos os outros tantos movimentos que a cercam (Defesa dos Direitos Humanos, etc...), pois o "lumpen" não é revolucionário, está a margem do bendito processo revolucionário e por isso não tem defesa.

IR. — Por que entraste nesta, de vida marginal do crime? MS — Porque lá em casa nunca tinha grana e eu tinha que dar um jeito de batalhar a grana p'ro "rango" porque "o coroa" só bebia e tava sempre no buteco da esquina "birinaite" e a coroa" lavava a roupa p'ra fora, mas a grana era curta. Então eu resolvi "encostar" umas parangas na esquina e já dava uma graninha boa. Aí foi aquilo cara, acostumei, fiquei sujeira e tô aí, nessa.

IF — Eu dei uns "ganho", por aí, porque tava fácil ganhar os trouxas e não tava a fim de encerrar as "olto", então eu tinha mais era que ficar naquela boa que me dava uma grana legal, livrava a cara lá em casa e dava p'ra comprar a "coisa boa" numa legal.

IR. Qual é a relação de vocês com a polícia? Como é a transa? Existe uma boa vizinhança, como é que é a coisa? MS — É o seguinte, o magnata da "boca" de fumo" tem uma transa de grana com os "rato" e aí eles não se metem com a gente, pelo seguinte, quando vai pintar uma geral a gente é avisado e cai fora p'ra não dar sujeira.

IF — Os ratos pintam lá na zona e de repente fazem um "arrastão", levam a gente p'ras "especializadas" (furtos, assalto, etc...) no camburão, mas no meio da viagem a gente leva um papo e aí eles pedem uma grana p'ra gente e livram a nossa cara.

Aí depois dos ratos sacarem a lata da gente e transar uma grana por fora, a gente fica até meio protegido, fica limpeza mesmo, fica tudo numa boa. MS — Inclusive a gente tem um camarada aí que tá nessa de transar "fumo" já faz uma data e nunca teve nenhuma com ele, porque ele tem um padrinho figu-

rão nos ratos, um delegado aí gente fina, que livra todas deste camarada

Este camarada tem até uma "baia, caranga", tudo numa boa, e não entrou nunca, tá com a cara limpa.

IR — E como é que é, quando vocês são presos, como é na prisão? Por que de repente pinta a prisão? MS — Agora a pouco, quando mudou tudo aí na polícia pintou a maior sujeira, porque os ratos apertaram e aí deu um monte de malandro fora de circulação, foi o maior sufoco, mas de repente ficou tudo de novo numa boa, pois os ratos fizeram aquela presença com o chefe novo que pintou e depois ficou tudo beleza.

IF — O seguinte, eu sou da "leve" (furto) e não pintava muita prisão, pois a gente tem uma transa numa boa com os ratos, mas quando pinta é porque algum "marginal" matou um "otário" e aí dá sujeira total. Aí tem que segurar a barra, irmão.

MS — Eu já tive no "casarão" uma vez, fiquei uns seis meses lá e foi o maior sufoco. Porque de repente os "malandros" chegam em cima de ti p'ra ver qual é a tua, se tu é veado ou não é, e ficam ti testando dando em cima de ti e se tu bobear malandro, tá ralado, tem que "dá", p'ra todo mundo.

Teve uma pinta lá que marcou bobeira e teve que ser levado p'ro ambulatório porque os malandros se "serviram" nele.

No caso deste trouxa ele teve que arranjar um protetor lá dentro porque senão tava fudido. E depois, quando tu sai do casarão, os malandros ficam contando p'ra todo mundo que tu é veado e aí pega mal, malandro.

IR. E as torturas? MS — No casarão não pinta tortura, a não ser que pinte uma fuga ou reclamação contra a comida, aí os ratos colocam o malandro na solitária, que fica no 3º andar, isolado num quartinho, sem comida, sem luz, só com água e pão.

Quando eu tava lá, uns malandros da pesada pegaram um guarda penitenciário e deram o maior "pau" nele e aí no outro dia reuniram a rapaziada toda no pátio do casarão e avisaram que os malandros iam ficar uma semana na solitária como castigo. Aí a rapaziada encolheu o galho porque os ratos não tavam pra brincadeira.

Agora, nas especializadas tem uma sala só p'ra tortura, e quando tu cai lá, malandro, tu dá todo o serviço que tu fez e o que não fez.

Quando pintou aquela história do Gunga apavorar todo mundo, os ratos fizeram um arrastão e eu cai

nessa. Malandro, não foi fácil! De repente os ratos queriam saber quem tinha contato com o Gunga, quem tava escondendo o malandro, etc...

Aí, dois ratos me pegaram e com um alcate começaram a apertar minhas unhas perguntando um monte de coisa, se eu sabia onde tava o Gunga, e por aí...

Eu disse que não sabia e então começaram a me xingar e me chamar de negro filha da puta, que eu tinha que me ralar, que eu tinha que morrer, que eu era um negro vagabundo, que não prestava p'ra nada.

Depois botaram uma mangueira na minha bunda e encheram de água assim um tempão. A dor não era fácil. Como eu não sabia, nada mesmo, os ratos me botaram no pau de arara e me deram com uma borracha nos pulmões que eu fiquei um tempão todo inchado.

Eu não podia nem caminhar, de tão inchado que eu tava.

Depois de uns 3 dias, os ratos me soltaram e eu tava todo arrebitado por dentro.

IF — Comigo o lance não foi fácil, eu sou da leve, mas resolvi passar umas "parangas frias" p'ra uns filhinhos de papai e eles tinham as costas quentes e contaram uma história que eu tinha dado um "ganho" neles.

Aí malandro, os ratos queriam botar as mãos em mim e andavam me caçando por toda a Cidade Baixa (bairro de P. Alegre).

Um dia eu tava numa boa na "baia" e me deram um "toque" que os ratos tavam atrás de mim, e aí, de repente, eu pulei um muro que tinha nos fundos da minha casa e "pedalei".

Os ratos fizeram o maior estrago na "baia". Quebraram tudo e apontaram o "berro" (revólver) p'ra coroa, levaram a "Terezinha" (televisão) que a coroa tinha comprado dizendo que nada ali tinha nota, que tudo era roubado e ficou por isso mesmo.

Quem tem sujeira não tem direito a nada, malandro.

IR. Vocês acham que a polícia tá agindo certo? MS — É o seguinte, Polícia tudo é meio marginal, cara. De repente, eles tão levando uma grana em cima da gente, mas tudo bem. Eles estão na deles.

É a lei do cão, não é malandro? Quem tá na chuva, tá, p'ra se molhar.

A gente tá do outro lado, só se quebra. IF — Eles tão na deles e eu na minha. Eu faço a minha cara, mas não quero nem saber dos ratos. Cada um na sua.

RS: Padres incendeiaram Capela

Depois de tanta briga, o padre Leontino Rockembach não agüentou a pressão dos estudantes, moradores do bairro e demais grupos interessados na restauração da Capela do Bom Fim.

A polêmica em torno desta Igreja data de doze anos já, desde que ela foi definitivamente fechada em 1970. A Capela do Bom Fim foi fundada em 1872 pela Devoção Nosso Senhor Jesus do Bom Fim e doada em 1955 à Congregação Redentorista, sob o compromisso de conservação da Capela e de seu acervo, bem como a não interrupção dos cultos religiosos. Porém, esta Congregação de padres desinteressou-se completamente pela conservação do prédio, deixando que a Capela se deteriorasse com o tempo. Daí então, surgiu toda a polêmica, pois os padres estão com uma ação cautelar de demolição da Capela na 2ª Vara da Fazenda Municipal. O que eles pretendem é a construção de um suntuoso edifício com uma galeria e tudo o mais. A Arquisul — Empresa de Projetos Arquitetônicos, já desenvolveu um projeto para mais esse investimento imobiliário, da ordem. Outro famoso, é o da igreja da Sé no Rio de Janeiro, onde procuram atingir o mesmo fim.

A AÇÃO DA COMUNIDADE

Desde que a Capela fechou, muito já foi feito em função da sua restauração, por parte da população indignada. Passeatas, mobilizações em frente à Igreja, abaixo-assinado, angariação de fundos etc. Os órgãos mais empenhados na luta pela preservação da Capela são o Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho, um grupo de estudantes e profissionais

de arquitetura da Ufrgs, o "Arquitetura Sã" e os moradores do bairro. Muito já se tentou em termos de acordos com a Congregação dos padres, mas estes não querem saber de conversa, sonhando apenas com os seus futuros lucros imobiliários. As constantes publicações, na grande imprensa, sobre o caso foram em vão. A situação continua a mesma e nenhum padre da Congregação diz nada sobre o assunto, desde que o padre Leontino foi misteriosamente transferido para Passo Fundo, sede da Congregação.

A Capela já foi saqueada e incendiada, numa tentativa louca dos padres de a destruírem de uma vez. Tal afir-

mação é dos moradores do bairro e do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho, na pessoa de seu presidente o Sr. Leandro Telles, que diz:

Os responsáveis são os padres redentoristas. Se não foram eles que diretamente botaram fogo no prédio, foram eles que permitiram que alguém entrasse lá para destruí-lo. Eles devem ser punidos rigorosamente porque, apesar de serem religiosos, estão se portando como marginais". Esta hipótese faz sentido pois os únicos que lucrariam com a "acidental" destruição da Capela são os padres, pois assim o drama todo se encaminharia a seu favor.

KIKO/RS — estudante e jornalista desempregado.

AS PROPOSTAS

Caso a população ganhe esta parada na Justiça, já existem algumas propostas que dizem respeito ao futuro funcionamento da Capela do Bom Fim. O Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho é a favor da criação de um museu histórico, após a restauração da Capela. Os moradores do bairro estão divididos quanto a esse ponto. Alguns querem que a Igreja volte a funcionar como templo religioso, com missas e coisas do gênero, e outra parcela dos moradores, os mais jovens, querem que a Capela se torne um templo de Jazz & Rock. O grupo de arquitetos, urbanistas e estudantes de arquitetura, o "Arquitetura Sã",

acha que as deliberações quanto às futuras atividades da Capela devem partir da comunidade, sejam elas quais forem.

Nós, particularmente, fechamos com a proposta do templo de Jazz & Rock e complementamos isto, achando que a Capela deve ser um espaço aberto para o desenvolvimento de atividades culturais e artísticas. Queremos um lugar onde todos possam se expressar livremente. E queremos também ressaltar nosso repúdio a essa Congregação de padres mesquinhos, que faz jus à fama da classe clerical sedenta por lucros econômicos. Bem dizia o slogan da Revolução Francesa: "O último rei será enforcado na tripa do último padre".



JULIO CESAR (CATARINA) — RS

PADRE GALOCHA APELA PARA A IGNORÂNCIA: Passou a mão na grana das esmolas, incendiou a Capela e se mandou para Passo Fundo



PUIG/RS

RJ: sindicato dos médicos faz "pipi" nas calças.

Ari Tiririca/RJ médico

Em 1981 o sindicalismo médico do Rio de Janeiro, organizou e tornou vitoriosa, a que foi considerado, a mais importante greve na área de saúde do País.

Utilizando coerentemente a autorgação de lutas, a descentralização das decisões, as comissões de hospitais e postos de atendimento a realização de assembléias gerais da categoria, onde de forma democrática, eram discutidos todos os problemas e tomada decisões por maioria de votos, mesmo que isso fosse contrária as posições assumidas pela diretoria.

Durante longo período de greve, a direção sindical manteve posições maduras, acatando e encampando as resoluções das assembléias gerais que se revelaram na prática as mais realistas e acertadas.

A violenta repressão que se abateu sobre o movimento, com a intervenção no sindicato, indiciamento do dr. Roberto Chabo na Lei de Segurança Nacional, demissão de vários médicos do Serviço Público e até invasão de Hospitais com o objetivo de provocar as Comissões de Triagem, se revelaram totalmente importantes face a firmeza da categoria.

A greve triunfou e triunfou bem, sem causar qualquer dano a população doente, que foi atendida nos casos de urgência.

1981 foi instituído como o ano da dignidade médi-

ca e os lemas de Firmeza, Unidade e Serenidade, inscritos em medalha comemorativa.

Quando supúnhamos um recrudescimento (Vá lá o termo!) das atividades associativas, eis que o sindicato entra em inexplicável marasmo. Num sono profundo e até certo ponto suspeito.

Pequenas reuniões restritas de diretoria, algumas assembléias para meia dúzia de gatos pingados e numa delas a deliberação polêmica de se instituir salários para alguns membros da diretoria. Sabe-se que médicos que exercem atividades de diretoria sindical o fazem concomitantemente com suas atividades profissionais e portanto não recebem salário, ao contrário dos sindicatos operários.

Ora, é precisamente neste salário que reside uma das fontes do peleguismo, da corrupção, da profissionalização sindical. O trabalhador uma vez tornado dirigente sindical com remuneração e outras mordomias, fará todos os esforços possíveis e impossíveis para não mais retornar a seu local de trabalho.

Entre médicos estaria criado uma nova especialização: doutor em burocracia sindical, ou mais precisamente dr. em peleguismo. E nem vale a alegação de que os que se beneficiaram com o salário são pessoas ativas, trabalhadoras, inteiramente dedicadas nos problemas da classe.

Parte da diretoria, tendo a frente o psicanalista Rubens Castelar, que não estavam e não estão de acordo com essa norma, renunciaram seus cargos e fizeram denúncia através de um manifesto que foi reproduzido nos jornais diários. E o restante da diretoria estranhamente calou, não vindo a público, através de assembléia geral, esclarecer tão cabeludo assunto.

Ao contrário, através de algumas campanhas, como as investidas contra as exorbitâncias do Imposto de Renda e a agência de empregos para médicos no interior, tenta lançar uma cortina de fumaça para que o problema passa a constituir mais um fato consumado, que não merece outras considerações.

Se 1981 foi o ano da Firmeza, Unidade e Serenidade, ano de 82, que mal começa está sendo o do Pipi nas Calças para desgosto dos que viram no sindicalismo médico do ano passado um caminho seguro a ser trilhado para a dignidade da categoria. Que o vaticínio não se cumpra!

Com a palavra, portanto, o dr. Roberto Chabo em nome da uma pretendida serenidade; com a palavra os médicos demissionários em nome de uma firmeza cada vez mais desejada; com a palavra os médicos que estão recebendo salário em nome de uma presumível dignidade.

Xiiii! As eleições vêm aí...

manual para candidatos

MANUAL DOS CANDIDATOS A ELEITORES, DOS ELEITORES CANDIDATOS A CANDIDATOS, DOS CANDIDATOS A CANDIDATOS DO BANQUETE DOS COMENSAIS.

COMO VOTAR EM 82?
INSTRUÇÕES: Siga atentamente nossas instruções, sempre que não entender aquilo que foi dito, ou quando o dito não corresponde a nossas instruções vá em frente sem grilo, pois nós também gostaríamos de entender. Se este artigo não servir para nada, ao menos divirta-se buscando os erros de concordância e acentuação e não esqueça você comprando o jornal contribuiu na nossa luta contra a miséria e a ignorância dos editores.

APRESENTAÇÃO
Quando da elaboração da cartilha política da CNBB, (Regional Sul, 3,1981) referente aos encontros da Pastoral Política, chegamos atrasados. O Allgayer tinha falado de uma purinha que fazia a cabeça. Nós fomos conferir, e o que deu? Bode em todo mundo.

Mas, lá vai, esperamos que esta complementação também seja discutida nas saraus das comunidades eclesiais de base. Com perdão, Frel Beto! Mas ela deve ser incluída à cartilha distribuída.

(x) secretário regional da CNBB.
Inimigo do Rei: — Para nós, numa sociedade de classes, fazer política parlamentar é fazer o jogo do Sistema. Não entramos na política "por costume de família, para ser importante perante os outros, para servir ao bem-comum (?), para manter desigualdades, para se libertar ou ajudar aos outros, ou muito menos para ganhar alguns cobres das multinacionais". Ficamos fora das mazelas do regime, denunciando e fazendo revolução no cotidiano.

O verdadeiro conceito de política, para nós, é aquele que deixa claro que enquanto existirem desigualdades sociais e econômicas, falar de política é encher o bolso dos outros, esquecendo que ninguém trabalha por nós. Pois quem tem fome come na hora, não delega ninguém. Nosso papo aqui é ação direta, democracia direta e sem intermediários.

A IGREJA SE INTERESSA PELA POLÍTICA
Inimigo do Rei: — Se a Igreja entregasse suas propriedades para os pobres, as coisas melhorariam. Sabemos que existem padres a favor dos pobres e, se o são, melhor para eles. O que nós queremos é que não existam ricos e pobres. E muito menos intermediários, pois cada um luta pelo que é seu. Quem não trabalha, que se vire ou se mude.

O encontro dos inimigos do rei, foi realizado nos dias 20, 21, 22 e 23 numa das praias da ilha de Florianópolis e congregou várias tendências e grupos libertários, assim como pessoas ligadas e simpatizantes, e levantou tópicos importantes no processo de lutas que deverá traduzir-se certamente numa alternativa de organização ou de participação social.

Desembananação coletiva ou não

Santa Catarina, local de belas praias e muito sol, quando não chove, foi o local escolhido para com todo o ónus de um encontro das várias tendências e grupos libertários espalhados por todo (?) Brasil.

Azar o dela, que teve que arcar com a responsabilidade de fazer valer a individualidade das pessoas, que por quererem ou nada terem a fazer estiveram presentes, de corpo e/ou alma no dito encontro. O mesmo ocorreu, a princípio, em ambiente tenso e bastante veemente, só sendo amainado após um literal "xixi" da natureza sobre as barracas dos corajosos, e por que não dizer, loucos participantes. Após o dito, os ânimos acalmaram-se e aí, e só aí, foi possível iniciar-se conversações. O ambiente, após a chuva, foi da mais pura solidariedade (pra quem duvidar, azar não há como comprovar), inclusive na rearrumação das barracas.

Entre várias expedições "organizadas" para a compra de cachça (uma hora do local do encontro), foram tirados vários tópicos com relação as formas de ação nas "eleições de 82", quando do nosso jornal, quanto ao desemprego que está afetando grande parte de população, quanto a nossa participação na Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (CONCLAT) e na construção de uma Central Única dos Trabalhadores (CUT), que acontecerá no segundo semestre de 82, assim como quanto

A SOCIEDADE QUE DEUS QUER
Inimigo do Rei: — Se Deus quer uma sociedade justa e fraterna, haverá de concordar conosco que isto, sem igualdade entre os homens, é impossível. Todos devemos ser iguais na repartição dos lucros e dos prejuízos. Todos, apesar de iguais, temos de ser nós mesmos.

Todos somos porta-vozes de nós e de Deus. Logo, deu para os especulistas.
O PARTIDO POLÍTICO RESOLVE TUDO?
Inimigo do Rei: — Achamos que o Luís (da Cartilha da CNBB) está com a razão. Se ele pensa assim é porque o povo ao longo de sua história compreendeu que os partidos políticos defendem apenas os seus interesses. E que todos eles procuram mostrar que as suas aspirações são as do povo.

Existem muita falação bonita, e essa da Maria (idem, cartilha) faz o jogo do sistema. Historicamente, os trabalhadores, o povo, sempre procuraram falar diretamente. Sempre enfrentaram patrões, Estado e Igreja. Seus instrumentos de luta eram os sindicatos, as ligas e associações revolucionárias. Muitas vezes até as ações isoladas valiam. Sempre procuraram arrancar diretamente o que queriam. Assim conquistaram as 8 hs diárias de trabalho. Assim tomaram terras e fábricas. E, se não fosse a falação de outras Marias, o papo na Rússia tinha mudado para valer. Aqui no Brasil, muita coisa foi feita nesse sentido. Mas, os que escrevem a história escondem tudo. São eles os mesmos que perseguem, torturam e matam. Mas vejamos só, hoje no Brasil estão encolhidos. É preciso matar a cobra antes que ela dê o bote.

A PARTICIPAÇÃO DO POVO NA POLÍTICA PARTIDÁRIA
Inimigo do Rei: — Acho que a coisa tá boa. O povão é esperto. Quando aparecem prometendo, diz que vai. Mas ele sabe, e isto ninguém precisa ensinar, que não é ele que está ali do outro lado. O peão, o arigó se conhecem. Como os vigaristas também são conhecidos. O problema que o povo tem é que sua luta é bastante desigual. O povo apanha: nas delegacias, nas filas do INPS, no desemprego, na podridão da água que bebe, na educação que recebe e em todos os lados. Nunca pode parar, é porada pra ninguém botar defeito. Agora isto, tem um monte que fala por ele. E ele, quando consegue falar, o faz na porrada. Ai estão os quebra-quebras de todos os lados. E isso tudo ainda não virou uma grande proposta popular. No dia em que se juntarem com os exércitos marginais de Salvador, Rio de Janeiro,

SC: encontro dos inimigos do rei

Carlos Moura/RS auxiliar de escritório, estudante e jornalista desempregado.

PERSPECTIVA NÃO REFORMISTA E REVOLUCIONÁRIA
São Paulo e Rio de Janeiro. O encontro da nossa tradição de Sindicatos livres e combativos (COB) Confederação Operária Brasileira (que na greve de 1917 se propôs a uma paralisação revolucionária do país, para derrotar o capitalismo tupiniquim). Para os participantes do encontro, dentro dessa estratégia fica claro a importância de participarmos do processo parlamentar do país. Mesmo porque se traduz em mais uma violência que a população enfrenta diariamente. Que não vai mudar nada e que só serve para legitimar os interesses capitalistas. As eleições serão o desmascaradas e existem várias formas práticas de fazer isto: Votar Nulo, Recusar-se a Votar, Desconhecer as Eleições, Votar Individualmente na oposição e mesmo uma bastante colada ao processo eleitoral que é a de propormos às bases partidárias da Oposição, e ao povo em geral uma prévia para o dia 15 de outubro, com a intenção de denunciar o caráter oportunista das lideranças hegemônicas, e reafirmar a necessidade da derrota dos casuísticos do governo para evitar uma consolidação do regime, da necessidade de organizarmos grupos e ações que enfrentam concretamente o Sistema agora e que reafirmem da necessidade de uma ruptura total pra mudar e pra valer. Propaganda pública em todos os lugares e que significa a estratégia de organização e construção de um duplo poder.

Salu também a idéia de levar-

ro, São Paulo, Florianópolis e Porto Alegre, a coisa vai fedê. Não é à toa que os poucos investimentos "socialis" estão nas periferias.

OS ATUAIS PARTIDOS E SUAS PROPOSTAS
Inimigo do Rei: — O comentarista se engana (idem, cartilha), para entender os atuais partidos é preciso ir antes de 64.

Em 1917, no Brasil, como no Mundo, aconteceram greves que paralizaram quase tudo. Os sindicatos e ligas e associações revolucionárias tinham a palavra no mundo inteiro. Era o momento da grande revolução. A convulsão final de um sistema moribundo. Mas eis que estava todo mundo redondamente enganado, ainda não era a convulsão final. A revolução dos trabalhadores que tinha incluído na Rússia, em 17, recebia um duro golpe em 1921, do próprio Lenin. A eficiência era mais importante que a experiência. Os conselhos de operários, camponeses e soldados haviam sido substituídos pela rígida disciplina de uma cadência de trabalho parcelado e forçado. A revolução parava nas fronteiras da Rússia. Definhava dentro e ameaçava as expectativas do resto do mundo. A reação não se fez esperar.

Por todas as partes, os operários que ousaram avançar morreram esmagados. Transformações, regimes se sucederam. Uma nova liderança se impôs. Agora dentro das novas condições. No mundo inteiro assistíamos ao surgimento de regimes populistas.

Nos meios operários, seus remanescentes era disputados por uma nova ordem. O corporativismo, de facistas, nazistas e dos próprios comunistas (os de Estado). A Segunda Guerra Mundial liquidou suas pretensões de expansão, sobrevivendo apenas um novo Império, o do dólar. Getúlio foi junto. Os capitais no Brasil mudaram de donos. Os trabalhadores recomeçaram sua luta contra os pelegos e seus associados, o PCB. As eleições de 60 prenunciaram as confusões que viriam depois. As aspirações populares eram muito fortes. As oligarquias, que perdiam terreno para o capital estrangeiro, não confiavam mais nos seus representantes.

Era necessário um golpe. O elemento de união entre a classe dominante era seu medo à comunização (não a de Moscou, a outra, a do povão). Com isso deram o golpe. E quando viram que o capital estrangeiro era o grande vencedor (a primeira medida foi eliminar os empecilhos constitucionais à remessa de lucros para fora), caíram na oposição.

A solução foi dada por Castelo Branco com a promessa de eleições em 1966. Para tal foram criados dois partidos: a Arena (situação) e o MDB (oposição) conhecidos, lá fora, como o partido do Sim, e do Sim Senhor. Como era de esperar, as eleições foram ganhas pelos da situação. Isso gerou um descontentamento geral, em meio a essa oposição, o qual se somou ao da grande maioria da população. Que em 1970 anulou o voto.

Ante a perspectiva desse voto nulo ser transformado em luta armada contra o regime, vide o movimento de guerrilhas da época, o governo, após destruir essa guerrilha e pressionado já pelo fim do período chamado de Milagre Brasileiro, compartilhou um pouco mais com a oposição. E esta, por sua vez, conseguiu atrair setores mais radicalizados, conseguindo significativas vitórias em 1976 e 1978. Mais uma vez o regime venceu, pois socializou a gestão de sua malfadada e moribunda política econômica. Esta era o estratégia do Golberri. Dai saíram as diretrizes principais: organizar novos partidos, e resolver tudo nas eleições. Enquanto por trás eram articulados inúmeros decretos reais, ou pacotes, quem mais uma vez empurrou as contradições para frente foram os setores mais avançados do capitalismo e dos trabalhadores. As novas orientações econômicas geraram um movimento de rebelião dos empresários paulistas, o qual foi seguido, de perto, por um movimento operário, jovem e explosivo. E que conseguiram ligar-se à luta dos trabalhadores do resto do país. E acreditamos que é nesta luta que devem voltar-se as atenções dos trabalhadores.

AQUILO QUE OS PROGRAMAS NÃO DIZEM
Inimigo do Rei:

GRUPO PALACIANO
Origem: É o governo do governo. Na sua maioria provém do Partido das Forças Armadas, forjado por civis e militares. Programa: Manter o capitalismo forte e seguro. Não esquecendo do leitinho das crianças.

PDS
Origem: Ex-Arena, surge da uma estratégia atribuída a Gol-

bery (pessoa mágica, que com sua flauta de Merin nos levará ao parlamento).

Programa: Jurar dizer nada mais que a verdade. No Brasil, não existem ladrões. Defensores dos interesses americanos aqui atingidos. Dar guarida aos insatisfeitos da casa. Agüentar a pior parte. Pois nem todos levam, mas da fama nenhum escapa. Ser o eterno convidado das festas.

Viajar pelo exterior a serviço diplomático, afirmando que não somos um país de bárbaros. Pois aqui temos uma Constituição que funciona, normalmente de vez em quando.

PMDB
Origem: Ex-MDB, do Sim Senhor, agora juntando-se com o PP. Conseguiu atrair às suas fileiras número significativo de intelectuais radicalizados e ex-banidos. Procura ser uma oposição de fato, pois de direito já o era. Programa: representar os interesses das oligarquias e capitais nacionais, não privilegiados pelo PDS. Ficar bem com uma das legendas do PDS, reunindo os insatisfeitos e propondo uma ampla frente democrática.

PDT
Origem: De uma ala do PTBs moderados saídos do MDB, que com o retorno do ex-governador Leonel Brizola, conseguiu atrair setores radicalizados da juventude do MDB e ex-banidos.

Programa: Procura convencer a Internacional Social-Democrática que o PTB, apesar da sua origem (fundado pelo ditador Getúlio Vargas) tinha um programa sensível às massas, o que lhe confere o caráter de um verdadeiro Partido Socialista. Dai que hoje coloque no seu programa uma aspiração socialista. Sua base econômica ainda não está totalmente definida. Pode vir a representar os novos ricos. Ou seja, uma classe média em ascensão.



posseiro expulso da sua terra pelos donos da "Fazenda Maruar" da região de São Felix do Araguaia.

VOTE NULO: não sustente parasita

CELENE E AURÉLIO VELAME/Salvador — jornalistas

Ante a aproximação das eleições de 1982, acreditamos ser necessário um posicionamento das tendências libertárias e afins, frente a esta manipulação da vontade popular. O posicionamento pessoal da maioria dos membros dos grupos aos quais fazemos parte (Revista Barbárie da Bahia e o Coletivo Inimigo do Rei/ Bahia), é contrário à obrigatoriedade do voto, o que se traduzirá de fato, num posicionamento pela abstenção nas eleições: esta posição no entanto, devido aos empecilhos burocráticos institucionais e políticos da atualidade brasileira é quase impossível de ser levada a termo, canalizando-se naturalmente para o voto nulo. Ao invés de uma posição meramente pessoal, entendemos que é preciso participar conjuntamente das eleições, a partir

"Figueiredo veste o hábito"

por Kiko / RS

No último dia 15 de março, terceiro aniversário da "democracia galopante", o guri João, simpático presidente da terra do carnaval, falou a toda a nação numa cadeia nacional de rádio e TV.

Não tendo o que dizer a respeito da situação sócio-econômica e cultural do país, ou seja, sem dar satisfações dessa política centralizadora de rendas que é a de seu governo (como a de todos os governos), o Cavaleiro Audaz ficou na questão moral do povo brasileiro. Convoçou a todos, num "apelo sofrido", para que se faça uma frente de combate contra a licenciosidade e o surto de promiscuidade que se infiltra na nossa sociedade. Com isso, Figueiredo procura defender os bons costumes, a moral e a virtude desse povo tão inocente. Tudo porque ele soube que estava sendo exposta e discutida a questão da masturbação em escolas de São Paulo, Brasília e Porto Alegre.

Parece-nos estranho o presidente condenar o erotismo pornô, que é a única coisa que a censura realmente liberou com essa cômica abertura (coitadinha, tão murchinha...) Raciocinemos: o que pretende o chefe do SNI do governo Médici ao falar na defesa da moral e da virtude da sociedade? Alertar as autoridades jurídicas para que se tomem providências concretas sobre o assunto? Talvez. Mas, principalmente, conquistar a população mais velha e mais conservadora para as eleições de novembro, já que com a grande maioria dos jovens ele não pode contar. E depois, de que moral ele terá falado? Que moral pode existir num país onde se mata, se tortura, se explora trabalhadores, se reprime grevistas, se discrimina negros e homossexuais, se robotiza crianças, se injustiça mulheres, se expulsa padres que lutam pelo interesse dos pobres e explorados? Por que não se discute abertamente a masturbação nas escolas, nas famílias ou em reuniões de grupos? O Cavaleiro da Távola Redonda (este país é uma bola!) condena na verdade, o processo natural da sexualidade humana, algo que deve ser, não só discutido com as crianças mais desinformadas ou pudicamente informadas, mas vivido com espontaneidade. Ou será que o guri João nunca foi um adolescente em plena puberdade?

O URUGUAI DA TORTURA

tradução e adaptação INGO/RS

IR — Recebemos do Bureau of Public Secrets dos EUA, o número 82 do jornal "Compañero". Periódico do Partido pela Vitória do Povo do Uruguai. Este jornal é publicado em Montevideu, em um mimeógrafo a tinta. Passaremos a seguir a relatar e adaptar o suplemento especial que acompanha este número. Com vocês as palavras do jornal "Compañero":

O QUE JAMAIS ESQUECEREMOS

Não é a primeira vez que em nosso jornal nos ocupamos em documentar os atos e crimes cometidos pela ditadura contra os lutadores populares. E, por certo, não é somente "Compañero" que tem mantido uma atitude consequente na denúncia destes crimes ("Carta" Boletins Socialistas da CNT e numerosas organizações sindicais, "Jornada", "Liber Arce", etc) outros jornais, como os citados acima, também assim agem. No exterior o trabalho de organismos como o SIJAU ou os Comitês de Defesa dos Presos Políticos, têm permitido também, desde muitos anos, desmascarar ante a opinião pública internacional, as atrocidades da ditadura.

A intimidação terrorista, exercida também sobre os familiares, impôs enormes obstáculos aos comitês que existiam nos anos de 71 e 72. A ação repressiva sistemática se estendia a todos, que a partir dos grêmios, organizavam coletas solidárias com os presos e seus familiares. Não podemos esquecer a prisão sofrida pelos professores Cayota e Genovesa, por ter a seu cargo a coleta para os professores presos. Situação similar ocorreu com bancários, metalúrgicos e textéis. E apesar de tudo isto, a solidiedade se manteve: na clandestinidade, mas absoluta. Sempre houve aqueles que visitavam os presos políticos, levando notícias para os parentes. Queriam exilar os apenados. Mas os presos não estão sozinhos, nem os seus familiares.

Em nossa pátria, tem-se vivido todos estes anos em uma situação singular. Existe um abismo entre o país dos discursos oficiais e da imprensa tolerada, e o país real das conversas nos bairros e locais de trabalho. Ali, pouco a pouco e apesar do silêncio imposto desde cima, em que bairro não se houve com atenção os relatos dos familiares dos presos ou desaparecidos? Em que local de trabalho não se sabe das represálias e torturas sofridas por tal ou qual companheiro?

Sabemos que as declarações de García Rivas e outros ex-militantes tem circulado de mão em mão. Centenas de livros, revistas, fotocópias são lidos com avidez e com horror por gente de nosso povo.

O conhecimento destes fatos tem provocado, às vezes, temor. Não nos enganemos pois sobre isto. Também tem servido para ir desmascarando a ditadura terrorista e aumentando o fosso que a separa das massas populares. E tudo isto constitui uma raiz do profundo, vastíssimo, sentimento anti-autoritário e anti-militarista, que hoje existe em nosso povo.

Alguns setores da oposição tolerada se tem somado a esta campanha do silêncio. Durante muito tempo, os partidos de oposição, tem considerado, como a ditadura, que os "subversivos" não formavam parte da nação. E, portanto, eles que a cada instante encham a boca com referências à democracia e aos direitos do homem, nunca têm se sentido na obrigação de denunciar atos verdadeiros, das quais são perfeitamente conscientes. Para estes senhores a situação pode chegar a mudar. Porque eles, que consideram que a esquerda não faz parte da nação, com mesquinho espírito eleitoral, que ela sem embargo, todavia forma parte do corpo eleitoral. Em épocas como a que vivemos, nunca faltam os miseráveis que aspiram a negociar com o sangue derramado. Porém, também eles serão repudiados por covardes e situacionistas que são.

O terror exercido contra reféns, presos e desaparecidos, não é somente violência contra os lutadores que se rebelaram contra a opressão e injustiça exacerbada em nossa pátria. São sanções exercidas contra todo o povo, mecanismos de amedrontamento sobre a coletividade nacional inteira, para manter o povo desagrado e em passividade.

Estas bandeiras não são somente dos presos e de suas famílias. São patrimônio do conjunto do movimento popular e democrático. E como tal, estão inapagavelmente na ordem do dia, na mesma medida que a gigantesca força do movimento popular, todavia bastante desorganizado, recobre seu poderoso impulso combativo. A luta sobre os mártires, presos, e desaparecidos é uma batalha entre a verdade e a mentira. É a força poderosa da verdade en-

frentando a distorção e o silêncio. Também Artigas foi qualificado durante muitos anos pelos inimigos do povo oriental de "bandido anarquista" ou "delinquentetupamaro".

Que nada se chame de engano. Nem os despojos no poder, nem os pseudorealistas de conciliação: nada evitará que a verdade se propague.

LOCAIS CLANDESTINOS DE DETENÇÃO E TORTURA

Todos estes locais tem sido e são centros de repressão e tortura, pelos quais tem passado milhares de uruguayos. Muitos deles foram reconhecidos pelos próprios presos. Outros, por informações de ex-integrantes dos serviços de inteligência.

FOTO 1 — "Base 2" da Companhia de Contrainformações do Exército, situada no quinto piso deste edifício, em Rio Negro Canelones.

FOTO 2 — "Base Roberto", o quartel geral da OCOA, no cruzamento do Caminho das Tropas com Melilla.

FOTO 3 — Sede atual do Serviço de Inteligência de Defesa, na Montecaseros com Laranganá.

FOTO 4 — Ex-sede do Serviço de Inteligência de Defesa, na Br. Artigas y Palmar. Ali, estiveram detidos cidadãos deportados ilegalmente da Argentina, inclusive crianças.

FOTO 5 — O antigo edifício do C.G.I.O.R. na Dante com a República, é hoje a sede da Companhia de Contrainformações do Exército e da Escola de Inteligência.

FOTO 6 — "300 Carlos", pertencente a OCOA; situado, nos fundos do Batalhão de Infantaria n° 13.

FOTO 7 — Rua Mar Ártico n° 1227, ao lado do Hotel Oceanía, em Punta Gorda. Casa particular utilizada como local de reclusão e torturas.

FOTO 8 — Rua Venâncio Flores esquina Emilio Lamarca, Capital Federal, Buenos Aires. Aqui estiveram detidos e foram torturados os companheiros uruguayos desaparecidos na Argentina.

Além dos locais conhecidos como a Colônia Penal Libertad e Punta Rieles, tem servido, durante os últimos anos, como estabelecimento de detenção e tortura as seguinte unidades militares:

- 1 — Grupo de Artilharia, n° 1, La Paloma. Cerro.
- 2 — Quartel Central.
- 3 — Base Aérea Boisso Lanza, Caminho Mendoza.
- 4 — Sede do Comando General da Força Aérea.
- 5 — Grupo de Comunicações n° 1. Penharol.
- 6 — Inteligência e Enlace, rua Maldonado, Montevideu.
- 7 — Quartel da Marinha (porto).
- 8 — Prefeitura Nacional Naval.
- 9 — Fuzileiros Navais (FUSNA).
- 10 — Chácara do Cerro, denominada "Base Chacal".
- 11 — Brigada de Infantaria n° 1.
- 12 — Grupo de Artilharia n° 5. Na Chimborrazo com a San Martín.
- 13 — 4° Regimento de Cavalaria.
- 14 — 6° Regimento de Cavalaria.
- 15 — 9° Regimento de Cavalaria.
- 16 — Batalhão Florida. Batalhão de Infantaria n° 1 no Beco.
- 17 — Quartel de Durazno. Batalhão Motomotorizado n° 2. Div. Ex. II
- 18 — Quartel de Trinidad. Batalhão de Artilharia n° 1. Div. Ex. II
- 19 — Quartel de Salto. Batalhão de Cavalaria n° 7. Div. Ex. III
- 20 — Quartel de Artigas. Batalhão de Infantaria n° 10. Div. Ex. III
- 21 — Quartel de Rivera. Batalhão de Infantaria n° 3. Div. Ex. III
- 22 — Quartel de Treinta y Tres. Batalhão de Cavalaria n° 10. Div. Ex. IV
- 23 — Prisão de San Ramon — Grupo de Artilharia n° 4. Está dentro da Div. Ex. I mas depende da Div. Ex. IV.
- 24 — Quartel de Colônia. Batalhão de Cavalaria n° 4. Div. Ex. II
- 25 — Quartel de Tacuarebó. Batalhão de Infantaria n° 5. Div. Ex. III
- 26 — Quartel de Paso de Los Toros. Batalhão de Engenharia n° 3. Div. Ex. III
- 27 — Quartel de Paysandú. Batalhão de Cavalaria n° 8. Div. Ex. III
- 28 — Quartel de Fray Bentos. Batalhão de Cavalaria n° 9. Div. Ex. III
- 29 — Quartel de Santa Clara de Olimar. Batalhão de Infantaria n° 7 Div. Ex. IV
- 30 — Quartel de Mercedes. Batalhão de Cavalaria n° 5. Div. Ex. II
- 31 — Quartel de Minas. Batalhão de Cavalaria n° 11. Div. Ex. IV.

ria n° 11. Div. Ex. IV.

32 — Quartel de Laguna del Sauce, Maldonado. Batalhão de Engenharia n° 4. Div. Ex. IV.

33 — Quartel Rocha. Batalhão de Cavalaria n° 12. Div. Ex. IV.

34 — Quartel de Mello. Brigada de Cavalaria, n° 4. Div. Ex. IV.

COMPANHEIROS DESAPARECIDOS NA ARGENTINA

Os nomes que publicamos constituem somente uma parte dos 120 uruguayos desaparecidos na Argentina. Entre eles encontram-se 6 crianças e calcula-se serem as 6 crianças nascidas na prisão.

Temos reafirmado, diversas vezes, o fato do governo uruguai negar qualquer tipo de informação sobre estes companheiros.

Através de diversos testemunhos se conhecem muitos detalhes sobre os responsáveis por estas operações, são oficiais que ainda estão na ativa ou que já passaram para a reserva.

Por exemplo, o General Prantl, comandante do SID em 1976, sabe perfeitamente o que se passou. O Serviço de Inteligência de Defesa e o Organismo Coordenador de Operações Antisubversivas (COCA), foram os principais responsáveis por estas operações.

Os então Majores José N. Gavazzo, Manuel Cordero y Martínez; os Capitães Vázquez e Silveira; o Primeiro Tenente Maurente; o Tenente Sánchez e o Tenente da Polícia Metropolitana Sandler, são alguns dos que também sabem o que se passou com os desaparecidos. Também o sabe, o Tenente-Coronel Ramirez e o Capitão Medina. Todos eles estiveram em Buenos Aires nos interrogatórios e torturas a que foram submetidos muitos destes desaparecidos.

Como é que o governo "não sabe", se nada menos que uma divisão inteira do Serviço de Inteligência de Defesa, a mando de um General, se translada com o conjunto de suas equipes técnicas a atuar por um longo período de tempo em outro país?

Bem, sabemos que todas essas atuações foram decididas organicamente dentro da estrutura militar dedicada à repressão. Não foi uma ação de "grupos incontrolados". Por isso o próprio General Alvarez disse que não permitiria nenhum tipo de revisionismo. PORQUE TODOS ESTÃO IMPLICADOS.

DESAPARECIDOS NO URUGUAI

São pelo menos 11 os cidadãos uruguayos que desapareceram de seus domicílios ou locais de trabalho em Montevideu. Em todos os casos há vestígios de que as detenções foram efetuadas pelas FF.CC.

As autoridades tem negado sistematicamente estes fatos ou inventado mentiras absurdas para justificar os desaparecimentos.

Particularmente grave é o caso da maestra Elena Quinteros. Em 28 de junho de 1976 foi sequestrada na Embaixada da Venezuela por integrantes do serviço de inteligência do Exército. Este fato motivou a imediata ruptura de relações diplomáticas por parte da Venezuela, situação que até hoje perdura, tendo visto que o governo uruguai até hoje sequer deu uma explicação sobre o paradeiro de Elena Quinteros.

O rompimento diplomático é uma espinha para a ditadura. Em várias oportunidades o governo procurou o reatamento. Sem dúvida, as intensas gestões realizadas pela mãe de Elena e por uruguayos residentes naquele país, tem resultado em um apoio categórico do parlamento venezuelano e de inúmeras associações operárias e estudantis, além de personalidades universitárias e políticas. Isto faz com que o governo daquele país continue firme nas suas exigências de total esclarecimento do caso.

DESAPARECIDOS NO PARAGUAI

Gustavo Inzaurrealde e Nelson Santana foram sequestrados pela polícia política daquele país, em 28 de março de 1977.

Numerosos testemunhos, entre eles o do próprio Arcebispo de Assunção Monsenhor Esmael Rolón tem confirmado a sua detenção na Chefatura de Investigações da Polícia de Assunção e sua posterior deportação ao Uruguai, de maneira clandestina, poucos dias depois.

Significativo é que em 21 de julho de 1977, a Oficina de Imprensa da FF. CC. emitiu um comunicado requerendo a captura de Gustavo Inzaurrealde. Nenhuma resposta, nem explicação aos reclamos dos familiares e entidades internacionais, inclusive comissões de juristas, que visitaram nosso país.

SEQUESTRO NO BRASIL

Lilian Celiberti e Universindo Rodríguez Díaz, completam por estes dias 4 anos de prisão arbitrária.

Somente para a ditadura e para a Justiça Militar uruguia essa detenção foi lícita. Para os organismos e entidades que passaremos a enumerar essa prisão foi ilegal dado que ambos foram sequestrados em Porto Alegre e deportados ilegalmente para nosso país. Estas resoluções e pronunciamentos são de caráter público.

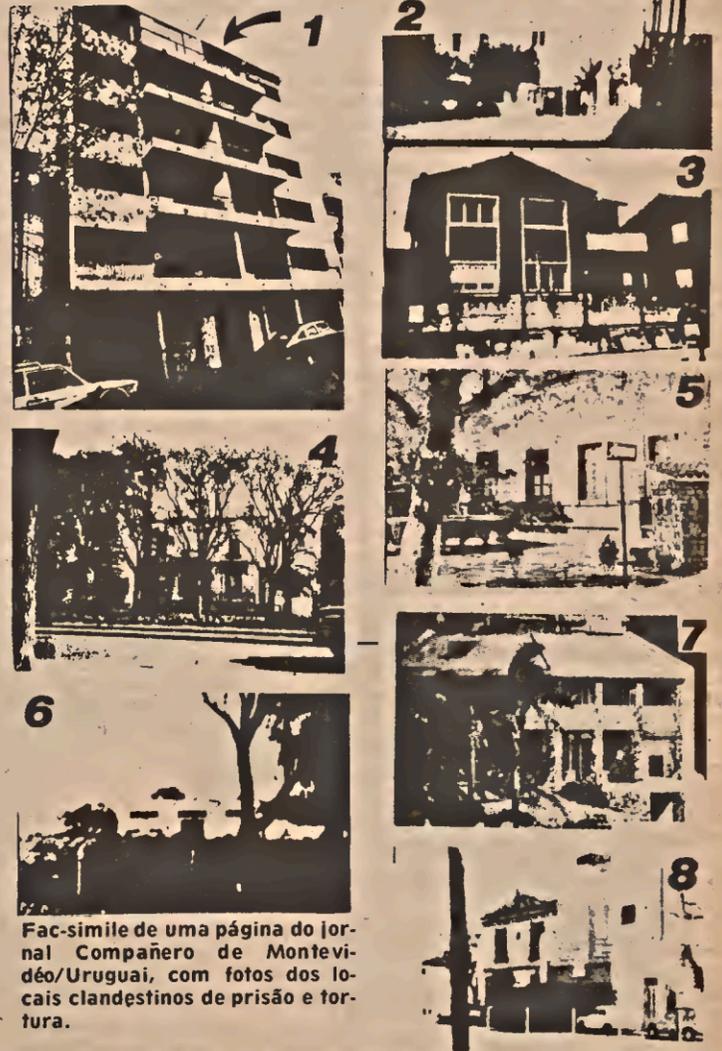
1 — Comissão Parlamentar de Investigação da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Resolução de 16 de outubro de 1979.

2 — Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA — Informe anual de 5 de outubro de 1979. Documento 1101/79. Caso 4529. Item: "Cooperação com forças de segurança de outros países", página 177. Apresentado perante a Assembléia Geral da OEA em novembro de 79, em La Paz.

3 — Sentença Judicial emitida pelo juiz Danilo Rodrigues do 4° Tribunal Militar de Porto Alegre — 21 de julho de 1980.

4 — Agora, todos estes pronunciamentos se vêm confirmados por um organismo técnico da mais alta qualificação internacional, como é o Comitê de Direitos Humanos da ONU. Este organismo acaba de emitir um importante laudo condenando o governo uruguai por: — deportação ilegal; — incommunicabilidade de 4 meses; — por não permitir a escolha de um defensor, — porque os detidos não foram julgados imediatamente. Comunicação N° R 13/56, de 29 de julho de 1981.

O Comitê considera que o governo uruguai está obrigado a liberar Lilian Celiberti de imediato (e, em consequência, Universindo Díaz). IR — Este texto nada faz além de reconfirmar, com detalhes completos e irrefutáveis, a terrível repressão sofrida pelo povo uruguai e o que é mais grave, a ação conjunta da polícia do Cone Sul visando destruir a resistência de um povo carcomido pela miséria e fome.



Fac-símile de uma página do jornal Compañero de Montevideo/Uruguai, com fotos dos locais clandestinos de prisão e tortura.

O Jornal Compañero publica também as fotos de todos os abaixo listados: assassinados, desaparecidos e presos. Mantém um espaço em branco também para todos aqueles dos quais não possuem fotos ou nomes. E que certamente são muitos mais.

ASSASSINADOS EM BUENOS AIRES

Zelmar Michelini
Héctor Gutiérrez Ruiz

Telba Juárez

DESAPARECIDOS SEQUESTRADOS

Julio Castro
Elena Quinteros
Oscar Tassino
Eduardo Bleier
Luis Eduardo González
Gerardo Gatti Antuna
León Duarte Luján
Hugo Méndez
Wiston Mazzuchi
Carlos F. Cabezu Pérez
Alberto Cecilio Mechoso
Pablo Errandonea
Cecilia Trias
Washington Cram
Carlos Rodríguez Mercader
Maria Emilia Islas
Jorge Zaffaroni
Mariana Zaffaroni
Maria Antonia C. de Martínez
José Martínez Suárez
Neblo Melo Cuestas
Ary Cabrera Prates
Walner Ademir Betancour
Mario Roger Julien
Victoria Grizonas
Pablo Recagno
Mario Martínez
Manuel Liberoff
Adriana Gatti Casal
Ignacio Arocena
Heana S. García de Dosseti
Edmundo Sabino Dosseti
Simón Antonlo Riquelo
Beatriz Anglet de Severo
Ruben Prieto González
Rafael Lezama
Miguel Angel Moreno

Lilian Celiberti
Universindo Rodríguez
Gustavo Inzaurrealde
Nelson Santana
Elba Lucía Candara Castromán
Luján Alcidez Sosa Valdez
José Luis Urtasun Terra
Norma Luppy
German N. García Calcagno
José Enrique Michelena
Graciela Gouvela de Michelena
Guillermo Sobrino
Ada Margaret Burgueno
Amaral García
Maria Del Rosario Carretero
Maria Roda Silveira
Yolanda Casco de D'elia
Hector Giordano
Bernardo Arnonne Hernández
Raúl Gambaro
Andrés Humberto Bellizi
Raúl Edgardo Borelli Cattaneo
Washington Fernández
Beatriz Fernández
Andrea Hernández Hobbas
Lourdes Hobbas de Hernández
Miguel Angel Rio Casas
Raul Sendic
Liber Seregni
Hector Rodríguez
Jaime Pérez
Raúl Cariboni
Ricardo Gil
Ivón Trias
Jorge Maneras Lluvera
Alfredo Pareja

Albânia: assassinato no paraíso

ANTONIO CARLOS PACHECO/BA — jornalista

A Albânia era, até o último mês de dezembro, uma espécie de reserva ecológica do marxismo. Um país voltado para dentro de si mesmo e que não era molestado pelos seus vizinhos "socialistas" poderosos, aliados ou não da União Soviética. Todos pareciam querer deixar o monstinho quieto, até que o bicho resolveu morder a própria cauda.

No final de dezembro o eterno governante albanês, Enver Hoxha, que manda no país com mão de ferro desde 1946 quando se tornou primeiro-secretário do Partido dos Trabalhadores da Albânia (PC), resolveu acabar com este clima de paraíso celestial implantado na terra e meteu uns bons balaços nos peitos do primeiro-ministro local, o velhíssimo e tão esclerosado como Hoxha, Mehmet Shehu, que embora se chamasse Maomé, foi um dos instigadores das leis proibindo o culto muçulmano no país.

Shehu, cansado da posição intransigente de Hoxha de manter o país o mais afastado possível dos países capitalistas privados (EUA à frente) e estatais (URSS à frente), queria promover uma abertura lenta em todas as direções: tanto Ocidente como Oriente. Não que a Albânia continue a mesma "virgem ideológica" de há uns 15 anos atrás. Não. Hoxha vem fazendo acordos comerciais com Jugoslávia, Grécia, Luxemburgo, Alemanha Federal, França, Áustria e Holanda, há algum tempo e em 1980 o chanceler Nesti Nase visitou Paris para entabular conversações políticas e econômicas com o governo do então presidente Giscard d'Estaing, de centro-direita, derrotado um ano depois pelo "socialista" François Mitterrand.

Estes fatos econômicos e políticos mostram que a Albânia já não era mais aquela que os militantes do PC do B idealizavam, há muito tempo. Mas, por via das dúvidas, continuava com a aura de paraíso terreal.

AURA PERDIDA

A aura de paraíso marxista só foi mesmo por água abaixo quando ficou claro que havia dissensões na alta cúpula celestial. Isto é, quando, Hoxha e Shehu provaram que mesmo num país tido como modelar dentro da ideologia marxista-leninista, há uma violenta luta pelo poder, que é a única coisa que move a modorrenta política dos países comunistas.

Enver Hoxha tem 73 anos e Shehu tinha 68. Este último achava-se no direito de suceder o velhíssimo e cansado "condutor das massas" albanesas. Contudo, Hoxha está decidido a fazer seu próprio sucessor e enquanto puder sorrir e tiver forças para levantar o braço para gesticular o eterno aceno dos governantes aos governados, ele não sairá do governo. Só se for derrubado, como já tentaram "n" mais três vezes, o que já causou "n" mais três expurgos nas hostes do Partido Comunista Albanês (o PTA).

A maneira que Enver encontrou de evitar a deflagração da luta pela sua sucessão, desencadeada por Maomé Shehu, foi matar o adversário. Isto equivaleria, em termos de Ocidente, a rainha Elizabeth matar Margaret Thatcher durante

um jantar, ou então François Mitterrand meter dois balaços na testa de Pierre Mauroy.

Shehu e Hoxha estavam jantando em Tirana, a capital do país, no final do ano passado, quando o primeiro tentou assassinar o chefe do partido único. Este e seus guardacostas reagiram e Shehu calu morto.

Obviamente que as autoridades não deram esta versão dos fatos. Para o mundo foi divulgada a versão de que Shehu havia se suicidado "após uma crise de depressão". Por certo, fastio de viver no paraíso por mais de 35 anos, afinal, os albaneses são gente, como os suecos: bem-estar demais acaba levando ao suicídio.

Em país comunista as notícias nunca dão conta do fato. Até avião que cai o povo não fica sabendo, porque "desmoraliza a tecnologia nacional". Não seria então uma luta pelo poder que o povo teria direito de tomar conhecimento... Ainda mais na Albânia.

DENTRO DO PARAÍSO

O paraíso de organização marxista, conhecido como Albânia e agora não mais tão paradisíaco assim, ainda mais que hoje sabemos que todos os membros da alta hierarquia andam com revólver no coldre (todos sem exceção), como se o país fosse um grande "far-west" americano da pior safra de Hollywood, na verdade é uma nação pobre. Sua renda "per capita" de 740 dólares anuais é menor que a dos países mais pobres da América Latina como Paraguai e República Dominicana, por exemplo.

O território é do tamanho de Sergipe, embora a população seja quase o triplo: são quase três milhões de albaneses. Mais precisamente 2.670.000, sem contar os 750 mil que vivem na Jugoslávia formando uma unidade política autônoma.

Mais de 60 por cento do povo trabalha na agricultura e o país é considerado o mais atrasado de toda a Europa tendo tido apenas um surto de industrialização e modernização econômica que durou exatamente o tempo que durou a vida de Joseph Stálin. Quando o ditador russo morreu em 1953, os novos líderes soviéticos foram tentando frear o desenvolvimento autônomo do país e acabaram cortando todos os créditos. Daí por diante Hoxha procurou auxílio na China que, como país subdesenvolvido que é, nunca teve muito em que ajudar.

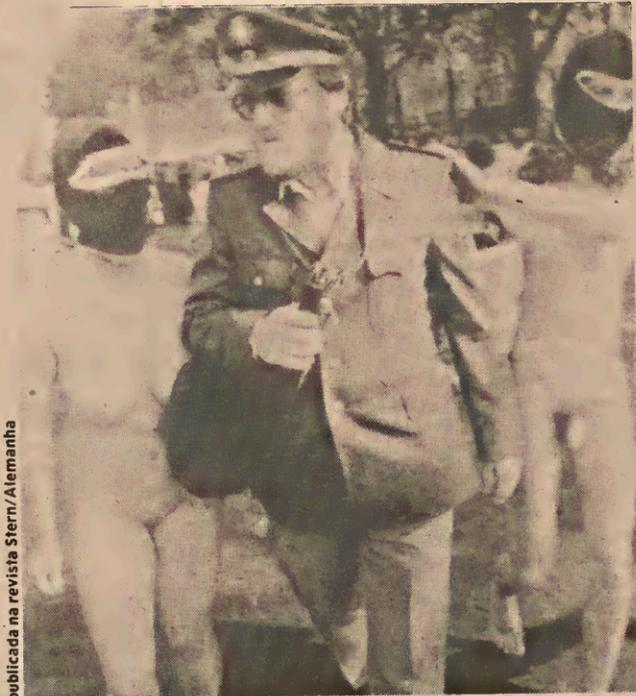
A partir de 1970, vendo que seu país estava se encaminhando para uma "débaçle", Hoxha, o presidente Haxhi Letchi e o primeiro-ministro (agora morto), Maomé Shehu, estabeleceram acordos comerciais com diversos países ocidentais, abandonando um pouco o purismo ideológico anterior.

O soergulimento econômico do país, no entanto, irá esbarrar nas resistências internas dos grupos que querem se aproveitar dos contatos com o Ocidente para se aposarem do poder. A estabilidade política, conseguida anteriormente com muitos tiros nos peitos dos adversários, parece estar chegando pouco a pouco ao fim. Está próximo o dia em que o Diabo dará um golpe de Estado em Deus: é esperar pra ver.

ALEMANHA:

a revolução pelo ridículo

Ingo/rs



publicada na revista Stern/Alemanha

ALEMANHA 68-82

Enfim o neo-capitalismo entra em crise, se esgotam os potenciais do bem-estar burguês.

No auge do capitalismo, fazia-se necessária a resistência armada por parte do proletariado e das faixas desempregadas ou descontentes da burguesia.

Com o advento do crescimento zero, o sistema entrou em colapso, deteriorando-se rapidamente. Isto possibilitou o surgimento de uma resistência pacífica, mas muito mais ativa e destrutiva do que a armada.

O Início de Tudo

Em 1968, a Alemanha foi incendiada pelo exemplo francês, com um destaque para Rudi Dutschke, que levou as massas estudantis ao delírio. Mas como na França, EUA, a repressão foi dura e os "revolucionários de 68" acabaram na sua grande maioria como bem comportados pais de famílias.

BAADER-MEINHOF: Morte ao Sistema

Alguns filhos descontentes, da burguesia, resolveram partir para a luta armada, em especial, para o terrorismo urbano. Além do Baader-Meinhof, outro grupo terrorista denominado RAF Rote Armee Fraktion (Fração do Exército Vermelho) que é teleguiado por Moscou, agiu e ainda e age em solo alemão.

Andreas Baader e Ulrike Meinhof eram teóricos do caos; pregavam a destruição do sistema pela violência, eliminação pura e simples das autoridades e reacionários em geral. Pela sua extrema radicalização, este grupo foi simplesmente arrasado. Sobrou o RAF que luta pelo poder e faz parte do sistema.

Em 78 o Lema era "FAÇA NADA"

O TUNIX (faça nada) surgiu como início da luta pacifista, após a hecatombe do Baader-Meinhof. Neste período foi feito o 1º Congresso de Mendigos e Vadios na cidade de Stuttgart, que foi, literalmente, invadido

por 10.000 congressistas vindos de todos os cantos da Europa.

Depois de cumprir a sua finalidade, o TUNIX foi transformado em uma superfederação de alternativos; a tão propagada TUWAT.

A TUWAT congrega na Alemanha todas as facções alternativas atuantes, e tem como proposta fundamental a crítica ao sistema através do vexame, incentivando essa nova forma de denúncia através do insólito e do ridículo.

A REVOLUÇÃO DO RIDÍCULO

Na Alemanha Ocidental, surge uma nova forma de sublevar e criticar o sistema através do ridículo, ou seja, simplesmente botar os podres pra fora e tirar sarro em cima.

Nada mais crítico do que desacreditar o sistema publicamente, fazendo eclodir todas as suas incoerências através do bizarro. Dar vexame é a proposta que agora toma vulto, como forma de crítica ferina. Esta forma de crítica dificulta, inclusive, a própria repressão do sistema. Como reprimir a bizarra e contundente proposta de denúncia?

Organizou-se na Alemanha uma central de unificação de lutas dos diversos movimentos alternativos germânicos (ecológico, antinuclear, pacifista, homossexual, feminista, estrangeiro, mendigo, maconheiro, ocupantes de casas, etc.). Esta central denominada TUWAT que significa "faça alguma coisa" no peculiar dialeto tupiniquim, com sede em Berlim Ocidental, está, inclusive, registrada certinho, tudo direitinho, como manda o figurino.

AÇÕES PRÁTICAS

Em Hamburgo, a cidade de maior tradição socialista da Alemanha Ocidental, um grupo ligado a TUWAT seguiu as ações da polícia hanseática com um rádio clandestino, transmitindo todas as práticas ilegais realizadas pelos "representantes da lei e da ordem". E isto durante um ano,

sem que fosse localizados pelos mesmos.

Posteriormente, redigiram um relato em forma de livro, narrando as atrocidades cometidas pelos "defensores do bem-estar social", deixando a polícia alemã em palpos de aranha.

Os ocupantes de casa agem em toda a Alemanha, principalmente em Düsseldorf e Berlim, cidades universitárias e de características medievais, ocupando casas, edifícios e fábricas condenadas à demolição pelos especuladores imobiliários. Os prédios são cuidadosamente escolhidos e ocupados por pessoas ligadas à TUWAT, e depois da ocupação estar consumada, os mesmos são entregues a quem necessita de moradia. E esta forma de ação tem conseguido resultados, apesar das críticas, em contrário, que os acusam de usarem um "processo porra-louca", como se tem ouvido.

Enquanto a TUWAT convocava o seu 1º Congresso, para fins do verão europeu, a polícia rondava sua sede. Uma noite, pouco movimentada, proporcionou a chance de uma ação repressiva da polícia contra o material impresso guardado no prédio. Para a surpresa dos integrantes da "batida", o prédio, apesar de aparentemente vazio, contava com um sistema simples de guarda montado no seu interior. Os membros da TUWAT estavam esconduzidos atrás dos armários e quando a polícia entrou, foi surpreendida por estes elementos que, além de baixarem o sarrafo nos surpresos policiais, ainda os prenderam por invasão de domicílio.

O 1º Congresso da TUWAT agrupou todas as facções alternativas da Alemanha, Holanda, Bélgica, Dinamarca e Áustria. Neste congresso ocorreu uma intensa troca de experiências e avaliou-se o movimento e suas perspectivas, além do ambiente de paz que surpreendentemente foi respeitado pelos policiais, como se vê na foto.

FLORIANÓPOLIS: meninos da rua fazem teatro.

ana alice/sc — estudante e teatróloga

"Meninos da Rua" é um grupo de teatro. É formado por meninos e meninas que perambulam, brincam e sobrevivem nas ruas do centro de Florianópolis. Com alguns bonecos, feitos por eles, um pedaço de algodão cru, que serve como empanada, e um punhado de alegria, eles fazem suas apresentações e brincadeiras pela Felipe Schmidt (no "Senadinho", o mesmo lugar onde, o então, ministro Cesar Cals andou apanhando quando esteve em Florianópolis), pela Conselheiro Mafra, na Praça XV.

O grupo se reúne todas as terças-feiras, (às vezes não aparece ninguém nas terças, e todo mundo acaba se encontrando na sexta, por exemplo) à tarde, na Escadaria do Rosário e ali, brincam de pintar, de dançar, de jogar, de brigar. E de fazer teatro. São crianças, entre cinco e quinze anos, que moram nos bairros pobres da cidade e vêm ao Centro para "fazer dinheiro", de qualquer maneira. Não frequentam escola, embora alguns já tenham "passado" por ela, isto é, já foram, alguma vez, matriculados, mas como a escola é "paga" (dizer que tem escola de primeiro grau pública e gratuita no Brasil não passa de papo de Constituição) e como precisam dar uma força na sobrevivência da família, nenhum deles continua o ano de estudo. A situação econômica dos pais é evidente, são lixeiros, empregadas domésticas, vigias noturnos, desempregados, os subempregados da vida.

Dentro desse universo, "fazer dinheiro" constitui a principal arte. Fazer dinheiro é sair na batalha todo dia, vendendo loteria, amendoim, picolé, o corpo, ou pequenos (por enquanto) arrochos. Mas um significado mais real do "fazer dinheiro" é a cobrança da Sociedade "canalizada" através da Família, que exige deles diariamente uma quantia x de dinheiro. Se esta quantia não pintar, o pau come... Como o mercado nem sempre é favorável, e nem todo dia é dia de sorte, às vezes, prá fugir à Inquisição Familiar, é preferível dormir na rua. E aí acontecem as coisas. Pode acontecer, por exemplo, de encontrar o morcego vermelho com a mulher aranha; ou situações como esta:

Numa madrugada do início de 1980, algumas crianças fugiam de um vigia noturno (então vigia de repartição Pública do Estado de Santa Catarina), numa rua em que eu passava. Discuti com o vigia, que sumiu de repente, e comeci a conversar com elas prá saber o

que estava acontecendo. De início, elas não quiseram contar, mas em seguida abriram o jogo, rindo muito, bem ao jeito delas: o vigia tinha chamado elas prá dormirem na Repartição, só que, quando estavam dormindo ele quis "pegar" uma das meninas, ela gritou, os outros acordaram e depois do guarda botar eles todos prá rua, ameaçaram de contar "pros outros" a sacanagem do guarda. Aí ele saiu correndo atrás deles, foi quando nos encontramos. Começou aí. Perguntaram o que eu fazia, respondi que teatro, uma delas perguntou "Teatro a gente come?", aí comeci a rir. Tornamos a nos encontrar, noutros dias, pelas ruas, até que surgiu a idéia de brincar de teatro. Escolhemos o coreto da praça XV, que é um lugar onde todo mundo circulava, pelo menos, uma vez por dia. Aí, foi a batalha prá conseguir material, alguns papéis foram conseguidos na gráfica com Nana, tintas e pincéis aqui e ali, cavaletes e palhetas foram feitos na carpintaria de um amigo, retalhos de panos pediu-se à costureira da Conselheiro Mafra, coisas assim. Conseguiram-se discos e toca-discos emprestados. Durante um mês nos encontramos todas as tardes e ficávamos ouvindo música, pintando, brincando; sob o olhar curioso dos passantes que não entendiam muito bem o que estava acontecendo. Mas aí ficou muito difícil fazer dinheiro, porque as tardes eram "perdidas"; então passamos a nos encontrar apenas uma tarde por semana, com uma turminha mais ou menos fixa e com um número muito grande de itinerantes. Já no outono de oitenta, conseguimos montar peças de teatro. Primeiro construímos personagens, cada um fez seu fantoche com massa de papel jornal e a partir dos personagens criados improvisávamos textos. A cada apresentação o roteiro era sempre o mesmo, porém variava muito o decorrer da peça. Alguns daqueles personagens: o urubu de olho verde, a abóbora colorida que fugiu para não ser comida, o rei e a rainha decadentes, Mi o engraxate; os textos montados foram: "Um Dia Na Praça", "O Dia Do Colorido" e "Colorido, o Colorido Do Mundo". No final do ano, expomos todas as pinturas feitas durante o ano e apresentamos "Colorido o Colorido do Mundo". A cada apresentação, rodava-se o chapéu entre quem parava prá ver o espetáculo. O dinheiro obtido era dividido igualmente entre os participantes do dia, às vezes, comprava-se tin-

Meninos de rua em:



CONVITE DO TEATRO DOS MENINOS DA RUA PARA A PEÇA: BRINCANDO DE DIZER COISAS.

tas que era o mais difícil de se conseguir. Em oitenta e um continuamos, após o verão, com nossos encontros, agora em local diferente, também, no centro da cidade, a Escadaria do Rosário. O local é um "teatro natural", o ideal para espetáculos de teatro. Nesse ano foi menos difícil o trabalho, pois já se sacava teatro e continuamos com as brincadeiras habituais. O "esquema" era o mesmo de sempre para deslocar material: o microfone com que saímos pelas ruas anunciando a apresentação do espetáculo, era um tubo de plástico, desses que a lã vem enfiada; os figurinos dos atores eram roupas velhas conseguidas junto a conhecidos. Em outubro, fizemos a nossa primeira montagem, com a peça "Brincando de Dizer Coisas", subdivididas em duas partes: uma com trabalho de fantoches — "O Casamento do Pato João com Maricota" (onde Maricota e João são um casal de namorados que após muitas peripécias resolvem se casar, mas na cerimônia de casamento, Maricota acaba se casando com o Juiz) a outra, trabalho de atores "A Revolução no Reino Dourado" (é a história de um rei e de uma rainha que são expulsos do palácio pela Minhoca, pela Fazedora de Barulho, pelo Camelo, pelas Bailarinas e mais alguns personagens). Os textos sempre foram improvisados, a cada apresentação, pelos atores, seguindo um roteiro que se "combina" pouco antes do espetáculo. Durante as apresentações, um dos artistas roda uma caixa de sapato entre o público e logo após terminar a peça o dinheiro é dividido igual entre os participantes. Nunca fica dinheiro para "caixinha" do grupo... Se se precisa de algum material que não se conseguiu descolar, faz-se apresentações pelas ruas, três ou quatro, num mesmo dia, em locais diferentes e parte dessa grana compra-se o que precisa, a outra, divide-se. Mas o material utilizado é sempre mínimo, exploramos ao máximo o trabalho do artista. Nas poucas vezes em que se tentou colaboração junto às instituições culturais existentes em Florianópolis, a receptividade foi desalentadora, o que só fez caracterizar a natureza destas instituições. Para este ano, pretendeu-se além das brincadeiras das terças-feiras à tarde, montar um musical "Na Asa do Vento", baseado na música de mesmo nome de João do Vale e Luiz Vieira, seguindo o costume do grupo, isto é, criando-se personagens e um roteiro e deixando o tex-



Atores da "Revolução do Reino Dourado" observam os do "Casamento do Pato João com Maricota"

to para improvisação.

Utilizamos a improvisação porque esta permite a exteriorização do cotidiano de cada um e pela facilidade com que se pode criar situações com o público. Para os meninos é muito mais fácil criar do que decorar. Mesmo porque, é meio complicado para eles, ter um texto inteiro na cabeça, pois a batalha pela sobrevivência faz com que cada dia um novo texto se crie em cada esquina. Pelas muitas aventuras e desventuras que é o dia a dia, não lhes falta material para inspiração: desde serem enxotados nas ruas pelos respeitáveis cidadãos contribuintes, até serem usados como desafogo sexual destes mesmos cidadãos contribuintes, como é o caso de um certo idôneo advogado, quarentão, com escritório num terceiro andar de um edifício do centro, que depois de se "deliciar" (?) entre as pernas de alguma das meninas da rua, lhe dá como recompensa alguns tostões e chocolate, como a defender sua Causa; ou o caso de um "Jo-ve-m, bem vestido, branco", que deu cem cruzeiros prá ele descascar uma, ou, noutra linguagem, fazer a prática do onanismo.

De uma maneira ou de outra, a maioria já passou pelos órgãos de recuperação oficiais, alguns tendo permanecido nela um dia, outros por meses ou anos. Quando se foge à Inquisição Familiar, à noite, corre-se o risco de ser recolhidos pelos "táxis grátis" (camburões) que leva todo mundo prá um repouso no cilindro de menores e no outro dia ganhar novamente o mundo da rua, pois o Estado não tem condições de alimentar tanto vagabundo (?). Mas falar das Instituições Correcionais já é outro papo, pode-se sugerir a leitura de Fou-

calt, ou Sartre, ou então, subscrevemos trecho de uma carta escrita por uma menina recolhida a uma Instituição Correcional do Estado de Santa Catarina.

"... mas é a vida de uma ladra, um dia está com alegria e sorte, outro dia azar e tristeza, mas eu nunca vou deixar de lutar pela vida de um pobre porque não é direito de um pobre sofrer e um rico não..."

Com toda esta "riqueza" de material, não se precisa decorar texto nenhum. Muitas e muitas vezes o pau quebra entre os artistas, às vezes até em cena, como foi o caso de uma tarde em que apresentávamos a peça "Era uma Vez uma Ponte", improvisação feita para uma manifestação ecológica que estava tendo em praça pública, e duas atrizes começaram a se dar tapas em pleno espetáculo, e a peça acabou em choradeira, sob os aplausos da platéia, bastante compreensiva; ou a vez em que tínhamos uma apresentação marcada para uma promoção cultural na cidade, também em praça pública, e chegou a vez dos "meninos da Rua" e só tinham chegado dois atores. Por sorte, o espetáculo para aquele dia era de fantoches e foi possível dar conta do recado.

Com estas brincadeiras dos "Meninos da Rua", abre-se uma perspectiva de sobrevivência que não seja a de um desempregado (pelo menos em questões sociais) e possibilite-se, através do teatro, uma reflexão para um melhor entendimento do meio social em que se vive.

Por estas e por algumas outras, é que o Grupo de Teatro "Meninos da Rua" terá o prazer de apresentar, em breve, o espetáculo "Na Asa do Vento".



Os atores da "Revolução do Reino Dourado" observam os do "Casamento do Pato João com Maricota"



Uma das pinturas dos meninos da peça.

Quem poderia imaginar que algum dia existiram piratas? E mais, que eles ainda existem até hoje, principalmente na Indo-china e no triângulo das Bermudas? Quem poderia imaginar que além de piratas, anarquistas?

Não surgirá uma nova sociedade, se os homens continuarem a empurrar a mesma pedra p'ra cima da mesma montanha. Precisamos mudar de pedra e de montanha.

Homens sem princípios e sem moral, marginais e bandidos, talvez estes sejam os iniciadores de formas diferentes de organização social, que apontem para a rota da fuga em direção à vida e à liberdade.

Os fatos que contaremos a seguir, neste e nos próximos números, foram selecionados, com bases históricas e sérias. Aceitaremos com prazer contribuições, críticas e complementações.

Piratas anarquistas na Ilha de Tortuga

Luigi/rs — professor e analista de sistemas.

“Apropriar-te de um objeto que não te pertence é um ato de Libertação!”

Ao leitor avisado, senhor da dialética e do materialismo histórico, pedimos desculpas pela ingenuidade, pela postura pequeno burguesa e pela absoluta falta de senso histórico dos nossos heróis. Para os leitores menos avisados, talvez a narração estimule a reflexão e com isso já nos consideraremos satisfeitos.

Numa certa noite em uma aldeia de Provença, em meados do século XVII, as janelas de uma casa permanecem iluminadas apesar do avançado da hora. Silhuetas de mulheres passam rapidamente atrás das vidraças, aparentando estarem muito atarefadas, até que escuta-se o choro de um recém-nascido... Misson. Muito mais tarde Misson retorna do colégio onde tinha se destacado como aluno brilhante. O pai anuncia-lhe sua destinação à carreira militar. No dia seguinte Misson parte para a Academia de Anger. Na Academia o cadete Misson se aborrece e aproveita todos os momentos de folga para ler sobre o mar. Um ano após está

de volta à casa do pai, negando-se a entrar numa companhia de mosqueteiros, o pai tenta impor-se, mas Misson é irremovível: “Quero ser marinheiro”.

Marselha, ainda de madrugada, uma chalupa encosta num grande navio de guerra, o “Victoire”. O jovem Misson é apresentado ao comandante Fourbin. O navio afasta-se lentamente do porto. A cidade, o bosque de mastros e o porto vão lentamente desaparecendo. Misson respira, Misson nasceu. Na primeira travessia a aprendizagem, com dinheiro do seu próprio bolso pratica e estuda os ofícios de carpintaria, mestre de velas, piloto... A baía de Nápoles apresenta-se em toda sua beleza, Misson obtém licença para visitar Roma com seus palácios e suas fontes. Ali conhece Caraccioli, “pai de idéias avançadas”. Discute com ele, e Caraccioli abre a Misson novos horizontes: a propriedade não tem sentido nem legitimidade, impede a fraternidade e igualdade entre os homens... Bem impressionado Misson pede a Caraccioli que embarque junto com ele. O padre larga a batina e alista-se no “Victoire”.

Zarpam de Nápoles. Caraccioli trabalha como marinheiro, frequentemente nascem novas discussões revolucionárias, o ex-religioso fala da paz, da pureza, da anarquia e da cortesia que deve ser usada com os vencidos.

Um dia aparece uma vela no horizonte, trata-se de um pirata de Salê, lugar do norte da África. É feita uma abordagem no mais perfeito estilo, Caraccioli dá as primeiras provas do seu valor, de sua tranquilidade e da sua força. Misson segue o exemplo, os piratas são vencidos e o navio francês regressa à metrópole. O mestre e o seu discípulo alistam-se num “Privatier” ou “Triomphe”. O navio singra o brumoso e frio canal da Mancha perseguindo um barco inglês. Misson e Caraccioli, mais como expectadores que como protagonistas, observam as técnicas do ataque. Os olhos fora das órbitas, selvagens e cruéis os corsários gritam e matam sem piedade. O antigo padre explica com toda a tranquilidade ao seu discípulo a inutilidade destes procedimentos, apontando a vulgaridade e a falta de harmonia. Terminada a luta, os pi-

ratas encerram nos porões os vencidos para os quais pode-se pedir resgate, enquanto os outros são abandonados à sua própria sorte no navio vencido, no qual foram serrados os mastros e leme. Caraccioli demonstra a Misson como a brutalidade destes atos produzem efeitos negativos para a causa da liberdade.

Os dois “apóstolos” embarcam novamente no “Victoire”, com rumo às Antilhas, tentando converter progressivamente a tripulação às suas idéias. Os marinheiros duvidam, não estão acostumados a este tipo de pregação. A condição de pirata é suspeita, eles são marinheiros de Sua Majestade, para eles a propriedade alheia é sagrada. Algumas semanas após, na frente das costas da Martinica, aparece um navio de guerra inglês, o “Winchester”, começa o combate, uma explosão com uma grande fumaça branca cobre o navio inglês, o “Victoire” tem um mastro quebrado, que caindo tira a vida de três homens. Um rombo é aberto no costado do “Winchester”. Inesperadamente, por um jogo do destino, uma granada arranca a cabeça do capitão Fourbin e o navio inglês explode com um formidável estrondo. Cai um silêncio impressionante, os marinheiros do “Victoire”, petrificados observam as águas borbulhantes nas quais está afundando o navio inglês. O “Victoire” gira lentamente sobre si mesmo. Ninguém se move, restos de mastros de vergas, de cabos boiam à deriva... os peixes voadores pulam sobre as ondas.



Misson é o primeiro a reagir, toma o leme e começa a dar ordens, são recolhidos os feridos, são abertas as velas, todos obedecem. Caraccioli assegura aos homens que os acontecimentos recentes são de origem divina e que eles não serão vulgares piratas, mas sim homens livres que mostrarão o verdadeiro caminho aos seus irmãos. Terão que acabar com as várias tiranias e apagar a opressão e a miséria. A tripulação aplaude entusiasmada...

(continua no próximo número)
Extraído de “L'essai anarchiste des Frères de la Côte”

Ensino profissionalizante acaba com a filosofia na educação

Ricardo Liper/BA — professor e jornalista

A questão é: por que retirou-se do ensino em nível de segundo grau a filosofia e matérias semelhantes que dotam o aluno de uma melhor compreensão do mundo.

Os motivos parecem evidentes, ou melhor, existem motivos muito claros. Em princípio, não interessaria ao Sistema que alunos do ginásio ou segundo grau tomassem conhecimento ou despertassem para tipos de pensamento que poderiam pôr em dúvida algumas verdades estabelecidas. Assim sendo, há uma tendência a reduzir todo o conhecimento às ciências exatas e à matemática. Para justificar essa arbitrariedade afirma-se que é necessário profissionalizar o aluno para que ele possa sustentar-se o mais cedo possível. Com esse argumento as matérias de cunho geral, que não contribuem diretamente para a profissionalização, são eliminadas.

Acontece que, embora possa parecer, à primeira vista, correto esse raciocínio pragmático, didaticamente está incorreto porque se baseia numa visão superficial do processo educacional.

Acreditamos que somando-se ao interesse básico de eliminar matérias “subversivas” do currículo do curso de colégio, está também uma certa ignorância do que é Filosofia e qual o seu papel no desenvolvimento intelectual e profissional do aluno.

Vamos admitir que seja necessário profissionalizar o mais rápido possível porque o País é subdesenvolvido e existe uma grande massa carente. Acontece que só é possível profissionalizar bem oferecendo ao estudante uma disciplina que o desenvolva intelectualmente.

Não queremos discutir o assunto em termos dos motivos que levaram os poderosos a eliminar a Filosofia dos currículos do “2º Grau”, vamos analisar os fundamentos educacionais tomando como ponto de referência a própria desculpa dada para esta eliminação: a necessidade de profissionalizar os jovens carentes. Nada mais justo do que prepará-los para a vida em vez de estar ensinando detalhes inúteis de uma cultura humanista.

Mas aí é que a ignorância do que é Filosofia fez com esses apressados técnicos em educação do Governo e mesmo alguns professores (em geral oriundos de matérias técnicas e sem nenhuma vivência filosófica), concluíssem que Filosofia era uma matéria inútil.

Antes precisamos saber o que é Filosofia.

QUE É FILOSOFIA

Etimologicamente significa amor à sabedoria e indica aquele que têm ânsia de conhecer. Claro que é insuficiente essa definição. A Filosofia é muito mais profunda embora a afirmação original permeie toda a sua história.

A Filosofia é uma atitude natural em todo homem. Isto é, todos nós temos um pouco de filósofos. O impulso para filosofar é natural no homem. Quem nunca se perguntou sobre a finalidade da vida, o que está fazendo aqui e agora; que significado tem o mundo que nos cerca? Alguns, talvez revistam essas inquietações com roupagem religiosa ou procuram nas

tradições de seu povo ou raça as respostas. Mas, o impulso para se preocupar com as coisas que nos cercam é um impulso para pensar essas coisas e lhes descobrir algum significado. O que ocorre é que o homem como ser pensante diante de um mundo que não se explica por si mesmo, que se oferece, de uma certa maneira, gratuitamente, procura uma explicação para tudo que percebe. A Filosofia é essa procura de explicação — sabedoria portanto — de tudo que existe. O homem diante das coisas e de si próprio é tomado de perplexidade e é irresistível a tentativa de explicar e procurar racionalizar e concatenar tudo que existe de forma que surja uma explicação da relação do homem com as coisas.

Para explicar o mundo e a si mesmo o filósofo pensa e através do pensamento ele constrói um sistema de idéias que deverá satisfazer as perguntas e a perplexidade de todos.

IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA

Existe, portanto, uma identidade muito grande entre o filósofo e o pensar. A melhor maneira de se desenvolver o pensamento é pensando e tentando responder a inquietações que todos têm, principalmente os adolescentes. O benefício concreto da Filosofia ser ensinada em nível de segundo grau é proporcionar ao aluno capacidade de raciocinar em vários níveis, do concreto ao abstrato. Além disso vai lhe permitir o desenvolvimento da linguagem e do vocabulário num nível muito mais alto do que o ensino de línguas lhe oferece porque a terminologia filosófica é mais extensa e mais profunda do que as palavras corriqueiras.

Então, sendo a Filosofia uma das matérias do currículo cuja finalidade seria o desenvolvimento do raciocínio, da capacidade de pensar, de imaginar, de abstrair ao mesmo tempo que lhe desenvolve o vocabulário, estaria contribuindo diretamente para um maior aproveitamento de matérias técnicas e portanto, uma maior profissionalização.

O que escapou aos técnicos em educação que retiraram a Filosofia do currículo é que educação é uma coisa globalizante e não pode ser reduzida a um tecnicismo superficial. Notem que não estou propositadamente me referindo aos benefícios da Filosofia em termos do desenvolvimento pessoal do aluno para a vida como cidadão e para a sua vida, o seu existir. Estou me defendendo no aspecto de que esse conhecimento melhoraria bastante o desenvolvimento profissional do aluno em seu conhecimento específico porque aumentaria a sua acuidade intelectual. É muito difícil a um aluno que nunca tenha visto Filosofia compreender as outras matérias porque existe um enraizamento destas naquela. A Física, a História, a Geografia Econômica e a própria Literatura só seriam aprendidas com uma certa seriedade se trabalhadas juntamente com o desenvolvimento do raciocínio filosófico.

Desta maneira é coerente que o nível dos alunos seja sempre, atualmente, tão baixo e as dificuldades de aprendizado em todas as matérias sejam tão altas.

Existe uma mediocritização do ensino justamente porque as matérias básicas para o aumento do nível de percepção e raciocínio dos alunos foram ou estão sendo eliminadas.

A utopia de todos e de cada um

(processo e realização)

Wilson Rio Apa/SC — escritor e teatrólogo

Saber que o homem é seu próprio mito e assim sendo é obrigatoriamente sua própria utopia. Reconhecer, como consequência, que vivemos todos em estado utópico e forçosamente projetando na história, na vida presente e futura, uma sucessão ininterrupta de utopias personalísticas, existenciais e ideológicas em todos os sentidos sociais, culturais, artísticos e etc.

Mas ainda é preciso reconhecer que a interpretação da dominante história é fundamentada não na força irresistível das quantidades humanas, sobre as pressões das necessidades, saturações e compensações que determinam a história, mas sim na visão utópica que o indivíduo tem de si mesmo e na ilusão de sua capacidade de condutor.

Tudo isso nos faz concluir que essa história que aprendemos é uma miragem da utopia individual na sua interpretação e, na projeção do indivíduo, uma sucessão desastrosa de utopias ideológicas, sociais, pois estas, além de serem tentativas de imposição sobre mitos de utopias individuais, escapam do controle que a realidade da condição humana obriga o indivíduo ter sobre o uso de sua própria utopia personalística. Em resumo, temos a aparência da história, cujos feitos bélicos, políticos, são apenas complementações daquelas tendências ou dos processos subterrâneos das quantidades humanas.

Vamos retornar agora ao princípio enunciado no início desta tese: de que o homem vive em estado utópico, ou seja, idealizando a si mesmo e vivendo uma personalidade desproporcional à condição e limitação humana, face a sua incapacidade de micro em abranger a realidade macro e também, pela necessidade de transcender, aparentar para defender-se, impor-se.

Mas, o importante a considerar, é que se o homem vive a sua própria utopia, ele a está realizando (não só) em termos objetivos, o que implica projeção no objetivo, na dita realidade concreta. Reconhecendo que este é o estado (utópico) normal do homem, devemos flexionar a conceituação de utopia, aceitando-a também como auto-realização alienada do indivíduo.

Bem, todo esse filosofar abre uma notável deixa para o anarquismo se apresentar como a única utopia em realização no homem, não só porque o anarquismo se atém ao indivíduo e não a abstrações coletivas, como, principalmente, por ser da individualidade, do nascimento à morte, profundamente anárquica — basta observar as crianças e o próprio tumulto mental, mas em conflito permanente com a necessidade de ordenar-se racionalmente, para sobreviver.

Reconhecendo-se esse nosso comportamento intrínseco, descobrimos que a ânsia constante de liberdade tem sua fonte no anarquismo do ser, o que nos leva, logicamente, a definir liberdade como anarquia. Mas acontece que civilização é organização e assim ficamos como individualidade anárquica, sempre a margem e em luta permanente contra a sociedade, o meio urbano e suas consequências diretas: o estado, os poderes, o autoritarismo, etc. E ainda, em choque com as limitações da própria condição física e com o destino bio-circunstancial da espécie.

Todo esse conflito gera a dramática desproporção entre o ideal e o real, que nos impõe como fórmula de sobrevivência psicológica, a alienação, a idealização constante, ou seja: o estado utópico, a vivência libertária, o anarquismo. E se é vivência, é realidade é realização individual possível.

BOBO DA CORTE

BELFORD ROXO & ARREDORES

I.É. CHUI, OIATOQUE, ETC.

apresenta

AHORA DO ANGELUS

UMA FANTASIA LÍRICA SOBRE A ÍNDOLE PACÍFICA DO BRASILEIRO

DESENHO: SCHROEDER TEXTO: ERNANISSO

ANOITECE, PIVETES SONHAM SOB UM CÉU ESTRELADO COMO OMBRO DE MILICO

QUANDO EU CRESCER, VOU SER BANDIDO

PRA VINGA' MEU PAI

HUM?

APAGARAM ELE?

ATÉ HOJE DE MANHÃ NÃO

MAS SUA MAE, NO OUTRO LADO DA BAIXADA, ENFRENTA O ZELO DE BIRA NO CUMPRIMENTO DA LEI

PAPAAA

SEI QUE ESTES SERVIÇOS PREVENTIVOS SÃO NECESSÁRIOS, MAS ACHO UM SACO, FALTA EMOCÃO SEI LÁ

PRECISO INFORMAR O MIRA NA DELEGACIA ANONIMAMENTE PARA EXERCITAR MEUS DONS TEATRAIS

HOT-DOG PRO FILHINHO

SEI, SEI, MAIS UM PRESUNTO MADE IN BELFORD ROXO. TUDO BEM, BIRA?

A ROTINA EXASPERA UM HOMEM SENSÍVEL

MAS TARDE NO LOCAL DA DESOVA, MIRA É OLEGISTA DR PAULO

GOSTO DOS MORTOS

NÃO PEDEM, NÃO ORDENAM NÃO CONFIDENCIAM.

HÁ QUALQUER COISA DE BRITÂNICO NOS MORTOS

ENTRE OS MORTOS, EU DESCANÇO DA FAMÍLIA. E DA AGONIA DA HEROÍNA DA NOVELA DAS 8.

TALVEZ?

HEMOFÍLICO O DOUTOR?

MAS NÃO CREIO QUE TENHA SIDO A CAUSA MORTIS

PODE TER SIDO A DIGESTÃO

É, DIZEM QUE NELANCIA COM VINHO FAZ MAL

MAS OS PIVETES AINDA SONHAM

COM OVO?

CLARO, COMO VAI SE ASSIM: SÓ LUXO!

EU, QUANDO CRESCER, VOU COMER MUITO BAURU.

ANOITECERA, NO CÉU, COMETAS. ESTA A VANTAGEM DO CÉU SOBRE OS OMBROS DOS MILICOS MAIS GRADUADOS E VIGIA